Vida de filme: Vendida para adoção, jovem encontra irmã e prepara documentário PÁGINA 7

Nova busca. Isabella quer saber quem foi seu pai

O GLOBO

Irineu Marinho (1876-1925) —— (1904-2003) *Roberto Marinho*

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 2022 · ANO XCVI · Nº 32 291 · PREÇO DESTE EXEMPLAR NO RJ · R$ 5,00

PACOTE DE BONDADES

Governadores abrem o caixa para reajustes no ano eleitoral

2022 começa com aumento para servidores em ao menos 22 estados

A proximidade das eleições e uma recuperação na arrecadação de impostos após a fase mais aguda da pandemia vão gerar um boom de reajustes a servidores estaduais neste ano. Levantamento do GLOBO mostra que ao menos 22 governadores já prometeram aumento a todo o funcionalismo ou a pelo menos algumas categorias. Entre os candidatos à reeleição, a proporção é maior: 14 de 16 darão o reajuste. Pela lei, aumentos só são permitidos até abril, seis meses antes do pleito. Especialistas alertam para o risco fiscal. PÁGINA 4

Eleições devem travar reformas e privatizações de Guedes

Ministro da Economia, Paulo Guedes insiste em pautas que não avançaram nos últimos anos, como privatizações e reforma administrativa. Há resistência no governo e pressão de servidores por reajuste. Eleições dificultam a agenda. "Nossa janela é de 90 dias", diz o líder do governo no Congresso, Eduardo Gomes. PÁGINA 9

GABRIEL DE PAIVA

RÉVEILLON NO RIO

A Covid vem de navio

No Rio, 26 passageiros e dois tripulantes do MSC Preziosa testaram positivo para o coronavírus e farão quarentena em casa. Nos cinco cruzeiros em operação no litoral do país, há casos da doença. PÁGINA 12

Angústia. Isolados em cabines, passageiros do MSC Preziosa aguardam o desembarque

Crédito imobiliário fica mais caro

Valor Investe — A alta dos juros dificulta o financiamento da casa própria. Num empréstimo de R$ 300 mil, impacto chega a R$ 60 mil. Como o crédito é de longo prazo, especialistas sugerem pesquisar muito e, se for possível, reduzir o valor do empréstimo. PÁGINA 10

'BOOM' DE REPAROS

Roupas e sapatos renovados

Com a volta aos escritórios e a inflação em alta puxando os preços das peças novas, aumenta a procura por consertos de roupas e calçados. PÁGINA 11

Ômicron: menos agressiva por poupar pulmões

Estudos em animais e tecidos humanos mostram por que a variante Ômicron tem provocado casos mais brandos de Covid. As infecções relacionadas à nova cepa do coronavírus se manifestam principalmente no sistema respiratório superior (nariz, garganta e traqueia), poupando os pulmões. PÁGINA 8

FERNANDO GABEIRA

Se Bolsonaro é fruto de erros, vamos corrigi-los e evitar recaída PÁGINA 2

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

O primeiro golpe do ano, e achei até barato SEGUNDO CADERNO

A HORA DA CIÊNCIA/NATALIA PASTERNAK

Cobervax é sopro de esperança para a vacinação global em 2022 PÁGINA 8

VILMAR BANNACH/PHOTOPRESS/ESTADÃO

Fora de controle

Bolsonaro tenta retomar o controle do jet ski em passeio durante as férias em Santa Catarina.
O presidente, que volta a Brasília hoje, foi criticado por não ir às áreas destruídas pela chuva na Bahia. PÁGINA 6

Crise do BRT desafia prefeita de Bogotá

Deficitário e superlotado, o BRT (*bus rapid transport*) de Bogotá é um dos maiores desafios do governo progressista da prefeita Claudia López. Ela enfrenta oposição de grupos do presidente Iván Duque, conservador, e de Gustavo Petro, candidato de esquerda à Presidência. PÁGINA 15

ESPORTES

O que define o preço de um clube de futebol

Receitas recorrentes, tamanho da torcida e prazo das dívidas são alguns dos fatores que ajudam a definir, segundo especialistas, o valor que um investidor irá injetar na compra de um clube que se torna empresa. PÁGINA 18

Opinião do GLOBO

Prisão com base apenas em fotos é retrato da injustiça

É preciso acabar com essa prática atrasada que ainda serve para prender e condenar inocentes

A absolvição, em junho, da acusação de roubo não aliviou o trauma do violoncelista Luiz Carlos da Costa Justino, morador de uma comunidade de Niterói, na Região Metropolitana do Rio. O jovem foi preso em setembro do ano passado durante abordagem policial, com base num reconhecimento fotográfico, prática que já deveria ter sido banida das delegacias. Embora alegando inocência — no momento do crime ele se apresentava com outros três músicos numa padaria —, passou cinco dias na cadeia. Foi solto depois de protestos da família e de colegas da Orquestra da Grota.

A história de Justino está longe de representar um caso isolado. Por falhas inadmissíveis, muitos inocentes são presos injustamente com base nos malfadados reconhecimentos fotográficos, por vezes com uso de imagens antigas, que não permitem identificar ninguém com segurança. Como mostrou reportagem do GLOBO, levantamento do Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais (Condege) e da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, feito em dez estados entre 2012 e 2020, revela que 90 pessoas foram encarceradas pela mesma prática, a maioria em presídios fluminenses. Desse total, 81% eram negras, como Justino.

Em muitos casos, praticamente inexiste investigação. Toma-se o depoimento da vítima e pede-se que aponte o suspeito num álbum de fotografias que sabe-se lá como foi feito. Defensores argumentam que seria necessário um reconhecimento formal, com a vítima indicando o suspeito misturado a outros cidadãos. "Em algumas situações, quando o investigador adota o reconhecimento por foto, acaba induzindo a testemunha a apontar qualquer suspeito. 'Tenho essa foto aqui e ele está envolvido em diversos roubos', diria o policial. A pessoa fica sugestionada a reconhecer", afirma Lucia Helena Oliveira, coordenadora de Defesa Criminal da Defensoria Pública do Rio.

Registre-se que já existe movimentação para barrar a prática. Um projeto de lei que prevê modificações no reconhecimento de suspeitos (PL 676/2021) tramita no Senado. O tema é objeto de discussão também no Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que criou um grupo de trabalho para analisar a questão. Cortes superiores têm se manifestado contra a prisão baseada exclusivamente no reconhecimento fotográfico. Em novembro, ao julgar o caso de um homem acusado de roubo em São Paulo, com base apenas numa foto, o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), relator do processo, decidiu pela absolvição, devido à ausência de outras provas que o incriminassem. O julgamento foi interrompido por pedido de vista do ministro Ricardo Lewandowski.

É preciso acabar com essa prática nefasta. Não faz sentido prender alguém, muito menos condenar, com base em indícios capengas, como o reconhecimento fotográfico, quando é o único elemento de que a polícia dispõe. Com o avanço tecnológico, existem muitos meios de investigar crimes, desde que se queira fazê-lo. Não se pode deixar que a inépcia em apurar determinados delitos, optando pelo caminho mais fácil, acabe por punir inocentes, quase sempre com o mesmo perfil: pobres e negros. Como no caso do violoncelista, nem o reconhecimento do erro pela Justiça resolve a questão. O dano já terá sido feito. Justino diz que a maior mágoa é que ninguém lhe pediu sequer desculpas.

Estado do Rio faz bem em retomar obras do MIS na Praia de Copacabana

Museu projetado por escritório de arquitetura americano está com 70% dos trabalhos executados

É acertada a decisão do governo fluminense de enfim retomar as obras do Museu da Imagem e do Som (MIS), na Praia de Copacabana, paradas desde 2016, quando o estado mergulhou numa das maiores crises financeiras de sua história. Em setembro, o governo do Rio lançou os editais de licitação para a conclusão do prédio, que deverá custar R$ 52 milhões. Os trabalhos recomeçaram em dezembro. A previsão é que o novo MIS fique pronto até o fim deste ano e comece a funcionar no início de 2023.

Manter a obra parada seria um erro. Primeiro, porque cerca de 70% dos trabalhos já tinham sido executados. A estrutura está praticamente pronta, faltando obras internas, instalações elétrica e hidráulica e acabamento. Depois de cinco anos de paralisação, o risco de o material se deteriorar é grande. Segundo, porque não terminá-la representaria prejuízo enorme, já que foram investidos R$ 79 milhões em verbas públicas e R$ 118 milhões em recursos privados.

Não se trata de uma obra qualquer. O projeto, parceria da secretaria estadual de Cultura, do Ministério do Turismo e da Fundação Roberto Marinho, é de autoria do escritório americano de arquitetura Diller Scofidio + Renfro, o mesmo que projetou a High Line, em Nova York. Foi escolhido por meio de um concurso internacional realizado em 2009. Embora o edifício não esteja concluído, já é possível avistar da Avenida Atlântica as linhas arrojadas do novo museu. Os autores dizem ter se inspirado nos desenhos geométricos do calçadão da Atlântica.

Construído no terreno onde existia a Boate Help, o prédio terá oito andares e uma área de 9.800 metros quadrados. Uma das características marcantes é a rampa que começa no calçadão de Copacabana e dá acesso aos andares, permitindo desfrutar a vista exuberante da orla a partir do Posto 6. O novo MIS, que receberá mais de 300 mil documentos — hoje guardados em instalações na Praça Quinze e na Lapa —, além do acervo do Museu Carmen Miranda, no Parque do Flamengo, deverá ter restaurante panorâmico, cinema a céu aberto, cafeteria e livraria.

A obra, iniciada em 2011, deveria ter ficado pronta em dezembro de 2014. Devido a uma série de contratempos, foi adiada para 2016 — a intenção era inaugurá-la antes da Olimpíada —, mas, diante da crônica falta de recursos durante a quase falência do estado, acabou paralisada.

Não há dúvida de que o novo MIS tem tudo para ser um novo marco arquitetônico e turístico do Rio e do próprio país, como o Museu do Amanhã, projetado por Santiago Calatrava para a Praça Mauá, âncora do renascimento do Porto. Mais que um museu, promete ser um ponto de encontro ligado à arte e à cultura, com vista para uma das praias mais famosas do mundo. Não concluir projeto tão singular seria um contrassenso. A escolha parece óbvia: dar aos brasileiros mais um espaço de cultura, turismo e lazer, terminando o que está quase pronto, ou perpetuar mais um esqueleto de concreto como tantos país afora.

Artigos

oglobo.globo.com/opiniao/
cartas@oglobo.com.br

FERNANDO GABEIRA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
editoria.artigos@oglobo.com.br

'Get back', o enigma do retorno

Neste fim de ano, vi o documentário sobre os Beatles. Não me trouxe lembranças apenas dos intensos anos 60. A música que dá título ao documentário, "Get back", teve muita importância há pouco mais de 40 anos, quando voltei do exílio. Eu a cantarolava, enquanto ajuntava algumas coisas e viajei para o Brasil.

Foi um momento decisivo. Às vezes, penso o que seria de mim se não voltasse. Viveria em Estocolmo, passaria as férias no sul de Portugal, nas Ilhas Gregas? Conheci gente que não voltou de seu exílio. No meu caso, seria uma escolha fatal.

Quando desembarquei, tinha uma máquina de escrever portátil vermelha, a Olivetti Lettera 22. Os funcionários da alfândega a olharam como se fosse um artefato tributável. A revolução digital ainda era uma névoa no horizonte.

Fervilhavam ideias ecológicas na cabeça, mas as mudanças climáticas e os eventos extremos não eram prioridade. Chamaria de poesia se um amigo baiano, como na semana passada, me dissesse que os peixes na pista de pouso pararam o trânsito no Aeroporto de Ilhéus.

Depois de quase meio século, nossa experiência democrática desembocou na ascensão de Bolsonaro. É um nó na garganta, mas não a ponto de desesperar. A democracia americana, mais sólida, acabou desembocando também na eleição de Trump.

Acontece. Alguns acham que a ascensão de Bolsonaro foi produto de um golpe, envolvendo os americanos, mercado financeiro, Faria Lima e o escambau.

Não quero polemizar. Acho que foi uma escolha popular equivocada, resultante dos erros na democratização. Minha interpretação no mínimo contém mais esperança: se tudo aconteceu como fruto dos nossos erros, é possível corrigi-los e evitar uma recaída. Americanos, mercado financeiro e Faria Lima são variáveis que não podemos modificar com facilidade.

Se tudo aconteceu como fruto dos nossos erros, é possível corrigi-los e evitar uma recaída

A derrota torna atraente a teoria da conspiração. Até o Iluminismo foi interpretado como um complô, assim como a Revolução Francesa, a Independência Americana. Maçons, cavaleiros templários, diferentes vilões desfilaram pela História.

Bolsonaro impactou a luta contra a pandemia com seu negacionismo, muitas pessoas poderiam ter sido salvas. Estimulou a destruição da Amazônia, fez vista grossa para as queimadas que carbonizaram milhões de animais no Pantanal.

Foi um preço alto. A reconstrução não só do país, mas de seu projeto democrático, não será fácil. O Congresso se protege contra a renovação, garantindo uma grana alta para a reeleição de quem está lá. A campanha presidencial, pelo menos até o momento, passa ao largo de grandes temas como as mudanças climáticas e a revolução digital.

Mas o país não se resume a lacunas ou dados negativos. Trabalhadores na saúde, médicos e cientistas lutaram bravamente contra a pandemia. Comunidades indígenas se organizaram, alçaram sua voz; mesmo sufocada, a cultura seguiu produzindo. E houve solidariedade popular nos grandes desastres.

Bolsonaro está se isolando, mas não esteve nunca completamente só. Muitos se surpreenderam com o apoio popular que obteve em 2018 e logo depois da vitória. Poucos como eu se lembram da campanha do governo militar chamada "Brasil, ame-o ou deixe-o". A base conservadora sempre esteve aí, mas ela se dispersa quando a economia vai mal.

O Brasil precisa resgatar o processo democrático inaugurado pelas Diretas Já. Não se trata de uma volta de gente que partiu ao lugar a que pertenceu, como na canção dos Beatles. Mas de uma volta do lugar a seu próprio eixo.

Não enumerei aqui todos os obstáculos. Sei que pareço otimista ao dizer que é possível, apesar de tudo, pensar em reconstrução, evitando os descaminhos que nos trouxeram ao governo da extrema direita.

Quarenta anos depois, é preciso tentar de novo. Li uma frase de Mark Twain que talvez possa combater a ideia que temos da História como repetição: "Um gato que se senta num fogão quente nunca mais se sentará num fogão quente. Mas tampouco se sentará num fogão frio".

Feliz Ano-Novo!

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://glo.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho
PRESIDENTE EXECUTIVO: Jorge Nóbrega

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Letícia Sander (Coordenadora), Alessandro Alvim, André Miranda, Flávia Barbosa, Luiza Baptista e Paulo Celso Pereira
EDITORA EXECUTIVA DO IMPRESSO: Fernanda Godoy
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz

Rua Marquês de Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ CEP 20.230-240 • Tel.: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Brasil: Carla Rocha - rocha@oglobo.com.br
Rio: Fábio Gusmão - fabio.gusmao@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Claudia Antunes - claudia.antunes@oglobo.com.br
Saúde: Adriana Dias Lopes - adriana.diaslopes@sp.oglobo.com.br
Segundo Caderno: Gabriela Goulart - gab@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Capa do site: Eduardo Diniz - eduardo.diniz@oglobo.com.br
Acervo e Qualificação: William Helal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Balbio - balbio@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
Ela: Marina Caruso - mcaruso@oglobo.com.br
Bairros: Milton Calmon Filho - miltonc@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades)
0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito, ou débito automático em conta-corrente
(preço de segunda a domingo)
para RJ, MG, SP e ES: R$ 144,90
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 5,00
Domingos: RJ, SP, MG e ES: R$ 7,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não entra em contato para cobrança de multa ou renovação da assinatura. Desconsidere qualquer contato a respeito desses temas. Para ter O GLOBO em seu ponto de venda, escreva para vendasavulsas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 **Classifone** (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de noticiário: (21) 2534-5595 Banco de imagens: (21) 2534-5777 Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Noticiário: (21) 2534-4310 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4355 Missas, religiosos e fúnebres: (21) 2534-4333.
Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5501

_ **SEG** _ Fernando Gabeira _ Demétrio Magnoli (quinzenal) _ Miguel de Almeida (quinzenal) _ Irapuã Santana (quinzenal) _ Washington Olivetto (quinzenal) _ Marcello Serpa (quinzenal)
_ **TER** _ Merval Pereira _ Carlos Andreazza _ Zuenir Ventura (quinzenal) _ Edu Lyra (quinzenal) _ **QUA** _ Vera Magalhães _ Elio Gaspari _ Bernardo Mello Franco _ Roberto DaMatta (quinzenal) _ **QUI** _ Merval Pereira _ Malu Gaspar
_ **SEX** _ Vera Magalhães _ Flávia Oliveira _ Pedro Doria _ Bernardo Mello Franco _ **SÁB** _ Carlos Alberto Sardenberg _ Eduardo Affonso _ Pablo Ortellado _ **DOM** _ Merval Pereira _ Dorrit Harazim _ Bernardo Mello Franco

MIGUEL DE ALMEIDA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
migs@lazuli.com.br

As tardes no Leblon com Paulo Mendes Campos

Em 1967, Rubem Braga convocou o fotógrafo Paulo Garcez para registrar os autores de sua Editora Sabiá. Lá estavam em sua cobertura, logo no início da Rua Barão da Torre, além de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta), José Carlos de Oliveira, Vinícius de Moraes e ainda Chico Buarque.

As fotos do encontro voltam à baila na capa e nas páginas internas do livro "Os sabiás da crônica", ideia da editora Maria Amélia Mello levada a cabo pelo poeta Augusto Massi.

Maria Amélia é dessas figuras grávidas da melhor literatura, capaz de distinguir a quilômetros um Romain Gary de um Romain Rolland, responsável silenciosa por títulos capitais no mercado brasileiro e amiga fraterna de Ferreira Gullar, com quem dividimos muitos pratos numa cantina da Rua Fernando Mendes, em Copacabana.

Augusto Massi, poeta de boa cepa, esteve por trás da melhor fase da lendária Cosac Naify e sempre se envolve em projetos de redescoberta e escavações literárias. Além de ser querido por 11 em cada dez pessoas que contam no Brasil contemporâneo.

"Os sabiás da crônica" recorta a produção dos autores que deram lampejo a um Brasil moderno, informado e empático com seu povo. Em prosa criativa, apoiada em imagens requintadas e vazada por temas substantivos, estavam a bordo da promessa de um país multifacetado, recém-urbanizado, mas ainda ingênuo e bem-humorado.

Na cobertura de Rubem Braga, na roupa de cronistas radicais, se encontravam dois dos mais fenomenais poetas do século passado — Vinícius e Paulo Mendes Campos.

Assim como Mário Reis dá forma ao samba urbano, e João Gilberto inventa a silabação brasileira no canto, Vinícius de Moraes é quem ajuda a construir a imagem poética do Brasil nos poemas e nas letras de suas canções.

Sua parceria com Tom Jobim, curta, mas definitiva para a modernidade, é equivalente às obras de Machado e Guimarães Rosa, aos jardins e gramados de Burle Marx, à inteligência estratégica de Pelé e aos tipos populares de Chico Anysio. Junto às telas de Di Cavalcanti.

Paulo Mendes Campos é o poeta discreto, poeta de sonoridades carregadas de sensualidade rítmica, dos espaços abertos e da cumplicidade imagética com seus pares. Seu poema evocativo "Ode a Federico García Lorca" está por certo entre os cinco mais bem escritos no Brasil do século passado. Sem esquecer que também foi o tempo de Drummond, João Cabral, Oswald e Gullar.

(Vou esconder Chico Buarque e Sousândrade para não complicar minhas contas.)

Lembro-me de minhas tardes no apartamento da Rua Carlos Góes quando deixava Paulinho Mendes Campos falar de seus poetas e autores preferidos. Num desses dias, ele estava satisfeito porque Oscar Niemeyer havia escrito um artigo em que resgatava Joaquim Cardozo. "Oscar, quando deixa de lado suas implicâncias, fica ótimo", me disse. O arquiteto e o poeta que era calculista haviam trabalhado juntos em muitos projetos e, me parece, carregavam algumas rusgas. Apesar de Cardozo haver viabilizado no concreto os desenhos de Oscar, sempre esculturais. Mas ali se falava dos versos do pernambucano Joaquim Cardozo — "Ele é ótimo. Ainda bem que Oscar soube superar".

Noutra tarde, Paulinho ficou bom tempo falando de Joseph Conrad, o marinheiro polonês que revolucionou a literatura escrevendo em inglês — com "Coração das trevas" e "Nostromo". Ali percebi o intelectual de gabinete, de corte urbano, babando pelas aventuras de um intelectual prático, que bebe a vida nas costas da morte. Conrad rodou o mundo em navios, conheceu portos sujos e tempestades de pesadelo, deparou com tipos verdadeiramente malvados e carentes, onde a navalha faz as vezes de diálogo. O mineiro Paulinho olhava o mar do calçadão.

Lembro-me de uma tarde em que cheguei atrasado (isso nunca me acontece), e Paulinho havia saído. A empregada me deixou entrar e permaneci na sala querendo que ele voltasse logo. Em frente a sua poltrona, na mesinha ao lado, estava aberta uma edição dos poemas completos de Auden. Nós amamos Auden e Yeats.

Fiquei ali naquela poltrona quase uma hora, lendo Auden diante da parede cheia de quadros, respirando o silêncio, até perceber que Paulinho não voltaria tão cedo e que já anoitecera.

A espera me levou a escrever um poema chamado "Paulo Mendes Campos", que foi parar em primeiro livro, "Dobrando esquinas", depois de o próprio haver melhorado meus versos onde dizia sobre sua ausência naquela tarde no Leblon.

Mas essa história fica para depois.

IRAPUÃ SANTANA

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
isantana1@gmail.com

O transbordar

'Como será amanhã? Responda quem puder. O que irá me acontecer? O meu destino será como Deus quiser.' 2021 ficou para trás, o Ano-Novo já deu as caras, e muitas perguntas rondam as cabeças de toda a população brasileira acerca do futuro que nos aguarda.

Entretanto, muito mais do que esperar que 2022 seja um ano melhor, precisamos refletir sobre nossa contribuição para chegar ao resultado que almejamos. Infelizmente, a polarização acentuada tomou conta de todas as áreas da nossa sociedade, dificultando demais o diálogo com o diferente e a criação de um caminho que possa ser construído para o surgimento de um panorama mais harmonioso.

Tratando-se de ano eleitoral, a hostilidade e as rixas tendem a ser potencializadas, indo para o caminho oposto ao da política, que é justamente a arte da composição.

O debate público ficou tóxico, com descartes completos e cancelamentos. Ao mesmo tempo, do outro lado, observamos políticos e partidos de diferentes ideologias aumentando o fundo eleitoral, destinando verbas do orçamento secreto, dilapidando o patrimônio público em troca de benefícios pessoais.

A sociedade, que deveria fiscalizar, cobrar e exigir, está completamente fragmentada e enfraquecida, assistindo a tudo atônita.

O filósofo Mario Sergio Cortella tem uma reflexão muito interessante, que pode ajudar a entender uma forma de escapar do poço sem fundo em que nos encontramos. Ele fala da diferença entre a esperança estática, que seria esperar que ocorra, e a esperança dinâmica, que é do verbo esperançar.

É necessário lidar com a responsabilidade individual e coletiva pelo período que estamos vivendo

"Esperançar é ir atrás, é não desistir. Esperançar é ser capaz de buscar o que é viável para fazer o inédito. Esperançar significa não se conformar. Quando eu coloco água num copo, ela se conforma ao recipiente e está aprisionada nele. É preciso que você e eu sejamos capazes de transbordar. A esperança permite que você transborde, isto é, vá além da borda."

Precisamos tomar as rédeas do nosso destino. Enquanto estivermos todos preocupados em apontar as nossas diferenças, não poderemos sair do círculo vicioso em que está inserido o nosso país. Nosso Brasil é jovem, sua democracia consegue ser mais nova que este articulista. Estamos lendo o manual de instruções das instituições, que também estão em fase de aprendizado. No entanto é necessário lidar com a responsabilidade individual e coletiva pelo período que estamos vivendo. Frise-se: não se trata de uma caça às bruxas para encontrar uma ou mais pessoas culpadas, mas sim de um convite a uma avaliação individual da nossa contribuição para chegar até aqui e para superar as dificuldades que experimentamos atual e historicamente.

Nos EUA, contra Trump, muitos americanos se juntaram para que ocorresse a mudança. Na Alemanha, após a saída de Merkel, sociais-democratas, verdes e liberais formalizam negociação para um governo de coalizão.

Não importa se você é conservador, liberal ou progressista, esquerda ou direita, a união da sociedade é imprescindível para que possamos transbordar.

WASHINGTON OLIVETTO

blogs.oglobo.globo.com/opiniao
washington@washingtonolivetto.com.br

A variante Black Friday

Desde quando eu comecei na publicidade — bem na pré-história desta história —, todos os anos surgiram novidades que provocaram alterações na vida das pessoas e no universo de consumo.

A chegada dos astronautas americanos à Lua; a conquista do tricampeonato mundial de futebol pelo Brasil; a estreia da "Discoteca do Chacrinha" na Rede Globo; a Nasdaq começando a operar na Bolsa de Nova York; o lançamento da canção "Imagine" por John Lennon; a televisão brasileira entrando na era da cor; a introdução no mundo do sistema de código de barras; o fim do regime salazarista em Portugal; a morte do Generalíssimo Franco na Espanha; o lançamento da Apple feito por Steve Jobs e Steve Wozniak; a descoberta de ouro em Serra Pelada; a revolta dos metalúrgicos no ABC Paulista; o lançamento do walkman pela Sony; a visita histórica do Papa João Paulo II ao Brasil; o lançamento do post-it pela 3M; os "Caça-fantasmas" no cinema; o surgimento da rede de televisão CNN; o lançamento do compact disc pela Sony; o computador escolhido como "Machine of The Year" pela revista Time; Prince lançando "Purple rain" e conquistando o mundo; a Apple introduzindo o Macintosh, em 1984; a criação do Cirque du Soleil, no Canadá; a descoberta do buraco de ozônio por um grupo de cientistas britânicos na Antártica; o lançamento do "Xou da Xuxa" na Rede Globo; a criação nos EUA do estúdio de animação Pixar; as consecutivas vitórias de Joãosinho Trinta com a Beija-Flor no carnaval carioca; a nova Constituição brasileira, de 1988; a Queda do Muro de Berlim tornando a Alemanha uma única nação; Dalai Lama ganhando o Prêmio Nobel da Paz; a disseminação da aids; Ayrton Senna conquistando seu terceiro mundial; a morte de Freddie Mercury; a Eco-92 no Rio de Janeiro; a criação da União Europeia; Nelson Mandela tornando-se o primeiro presidente negro da África do Sul; Jeff Bezos fundando a Amazon; a primeira viagem do Eurostar de Londres para Paris; o lançamento do sistema Windows pela Microsoft; a ovelha Dolly, o primeiro animal clonado do mundo; o lançamento do Viagra; a morte de Lady Di; a tecnologia Wi-Fi; o iPod e o iTunes; a Wikipédia; o euro no lugar das velhas notas da Europa; a fábrica de carros elétricos Tesla fundada na Califórnia; Mark Zuckerberg lança o Facebook; surge o YouTube; aparece o Twitter; a cadeia de lojas de discos Tower Records vai à falência; fumar em locais públicos e no trabalho passa a ser proibido no Reino Unido, coisa que começa a acontecer imediatamente nos outros países; Barack Obama é eleito o primeiro presidente negro dos EUA; Cuba e EUA reatam relações diplomáticas; Bob Dylan recebe o Nobel de Literatura; morre Muhammad Ali.

Curiosamente, nenhum desses momentos aconteceu depois de 2019, quando surgiu a Covid-19, e o mundo parou. As pessoas se trancaram em casa, o trabalho passou a ser feito em escritórios virtuais, restaurantes fecharam, exposições, shows e espetáculos foram cancelados, a mídia encolheu.

O grande diferencial da versão brasileira do evento está no preço da maioria das ofertas: tudo pela metade do dobro

No universo do consumo, um único projeto bem-sucedido foi a Black Friday.

Criada nos EUA, nos anos 1980, como o dia que inaugura a temporada de compras natalinas, foi imitada em 2010 no Brasil, que, por caipirismo, aderiu também ao nome americano, mesmo sabendo que, segundo Ancelmo Gois, Black Friday é o cacete.

Virou um sucesso de público e de vendas e uma coqueluche em todas as mídias, a ponto de a última versão brasileira da Black Friday, que começou na sexta-feira 26 de novembro de 2021, ter fôlego para durar até 6 de janeiro de 2022, Dia de Reis.

Na Black Friday brasileira, o consumidor pode comprar todo e qualquer tipo de coisa e aproveitar diferentes promoções como "você compra um martelo e ganha dois de presente".

Mas o grande diferencial da nossa Black Friday é o preço da maioria das ofertas. Tudo pela metade do dobro.

Política

EDILSON DANTAS/12-9-2021

São Paulo. Com Planalto na mira, Doria anunciou pacote de 8 mil obras

MARIA ISABEL OLIVEIRA/14-6-2021

Rio. Com verba da Cedae, Castro deu reajuste de 10% para todo os servidores

REPRODUÇÃO

Bahia. Rui Costa tentará fazer do senador Jaques Wagner seu sucessor

TIMING CONVENIENTE

Ao menos 22 governadores já anunciaram reajuste aos servidores no ano eleitoral

MARLEN COUTO E BERNARDO MELLO
politica@oglobo.com.br

Impulsionados pelo aumento de receitas com impostos e de olho nas eleições de outubro, ao menos 22 governadores anunciaram ou já sacramentaram reajustes a servidores que entrarão em vigor nos próximos meses, após o término do veto a recomposições salariais e aumentos reais determinado pelo socorro federal na pandemia. Entre os governadores que tentarão reeleição, a proporção é maior: 14 dos 16 que buscam novo mandato planejam ou já deram aumentos este ano.

O prazo para reajuste de salários acaba no início de abril, de acordo com a lei eleitoral. Isso porque não podem ser concedidos nos seis meses anteriores à eleição.

As exceções entre os governadores que tentarão reeleição são Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, que condiciona um reajuste à aprovação do Regime de Recuperação Fiscal, parada na assembleia do estado; e João Azevêdo (Cidadania), da Paraíba, que ainda não confirmou aumento, mas conversará este mês sobre um reajuste às polícias, em meio a temores de greve das forças de segurança.

Em 13 estados, os percentuais, que vão de 3% a 10,74%, são destinados a todos os servidores. Nos demais nove estados, os reajustes são para categorias específicas, principalmente professores e policiais. Na maioria dos casos, haverá apenas uma recomposição total ou parcial, sem aumento real. Entre os estados onde os mandatários já estão no segundo mandato e não podem tentar uma reeleição, não confirmaram ao GLOBO se vão promover recomposições os governos do Amapá, de Pernambuco e de Sergipe.

Especialista em Direito Eleitoral e Políticas Públicas, o professor do Ibmec e da Fundação Dom Cabral Bruno Carazza lembra que tanto a legislação eleitoral quanto a Lei de Responsabilidade Fiscal impõem limites temporais para a concessão de aumentos a servidores ou a contratação de novas despesas de outras naturezas, com o objetivo de combater o uso da máquina pública em ano de eleições, mas que os políticos conseguem se antecipar, viabilizando os reajustes dentro dos prazos legais.

— Governantes em geral apertam o cinto no início do mandato e, perto das eleições, abrem as torneiras do gasto público, lançando obras, criando novas políticas públicas e concedendo aumentos salariais aos servidores — destaca o pesquisador. — Neste ano, os governadores ainda estão se beneficiando de um contexto de dois anos de pandemia, em que as travas fiscais foram afrouxadas e as transferências da União cresceram muito. Com os cofres cheios, a pressão para a concessão de aumentos salariais subiu.

"Governantes em geral apertam o cinto no início do mandato e, quando chegam perto das eleições, abrem as torneiras do gasto público"

Bruno Corazza, professor do Ibmec e autor do livro "Dinheiro, eleições e poder"

LONGO PRAZO

Embora, por fatores conjunturais, a arrecadação do ICMS e dos repasses para o Fundo de Participação dos Estados (FPE) tenha crescido, há risco de os reajustes e o aumento de despesas com foco nas eleições afetarem a posição fiscal de longo prazo dos estados.

As altas salariais também elevam a pressão no governo federal, após o presidente Jair Bolsonaro ordenar um aumento salarial para policiais federais, agentes penitenciários e Polícia Rodoviária Federal. Em meio à ameaça de greve dos servidores, a equipe econômica busca alternativas para atender a algumas categorias. O ministro Paulo Guedes chegou a comparar reajustes à tragédia de Brumadinho.

No Rio, os servidores estavam sem reajuste desde 2014. O governador, Cláudio Castro (PL), anunciou aumento de 10% em fevereiro para todo o funcionalismo. Com a verba da concessão da Cedae, o governo fluminense já havia lançado um plano de R$ 17 bilhões em obras para os próximos anos, que inclui grandes intervenções de infraestrutura e pavimentação de estradas.

Já Wilson Lima (PSC), que busca a reeleição no Amazonas após a crise da pandemia e por investigações de corrupção na compra de respiradores, aprovou altas salariais que vão de 3,3% a 31,63%, dependendo da categoria, e que beneficiarão mais de 70 mil servidores. O governo de Rondônia, do também aliado de Bolsonaro Marcos Rocha (PSC), concede a partir deste mês reajuste para algumas carreiras, como servidores do Detran (36,5%) e policiais militares (8%). O governador tentará um novo mandato.

Em São Paulo, João Doria (PSDB), que deve disputar a Presidência, apresentou um novo plano de carreira para professores com aumento de até 73% no salário inicial e será enviado à assembleia do estado este mês. Sobre as demais categorias, o governo diz que "acompanha a evolução da economia e da arrecadação" para definir políticas salariais e gratificações. O governo do estado também lançou no ano passado um plano para mais de 8 mil obras com investimento de quase R$ 50 bilhões.

O governador Rui Costa (PT) conseguiu aprovar na Assembleia da Bahia reajuste geral do funcionalismo de 4% a partir de março. Haverá ainda incremento de R$ 300 ao vencimento básico de servidores da Educação, Saúde e Segurança a partir de abril, e de R$ 200 para os de vencimento básico abaixo do mínimo. No estado, o senador petista Jaques Wagner disputará o governo.

No Pará, o governador Helder Barbalho (MDB) aprovou em outubro aumento para 40 mil professores da rede estadual de ensino, uma promessa de campanha. Com custo de R$ 850 milhões, a remuneração elevará, em média, 24% para todos os servidores.

ONDE HAVERÁ REAJUSTE EM ANO ELEITORAL

Maioria dos governadores já anunciou ou aprovou aumento para servidores

Reajuste a servidores
● Todos os servidores ● Uma ou mais categorias específicas
● Condicionado ao Regime de Recuperação Fiscal ● Não informado

UF	Reajuste a servidores	GOVERNADOR	PARTIDO	REELEIÇÃO
AC	Todos os servidores	Gladson Cameli	PP	Sim
AL	Todos os servidores	Renan Filho	MDB	Não pode
AM	Uma ou mais categorias específicas	Wilson Lima	PSC	Sim
AP	Não informado	Waldez Góes	PDT	Não pode
BA	Todos os servidores	Rui Costa	PT	Não pode
CE	Todos os servidores	Camilo Santana	PT	Não pode
DF	Todos os servidores	Ibaneis Rocha	MDB	Sim
ES	Todos os servidores	Renato Casagrande	PSB	Sim
GO	Uma ou mais categorias específicas	Ronaldo Caiado	DEM	Sim
MA	Todos os servidores	Flávio Dino	PSB	Não pode
MG	Condicionado ao Regime de Recuperação Fiscal	Romeu Zema	NOVO	Sim
MS	Todos os servidores	Reinaldo Azambuja	PSDB	Não pode
MT	Todos os servidores	Mauro Mendes	DEM	Sim
PA	Uma ou mais categorias específicas	Helder Barbalho	MDB	Sim
PB	Não informado	João Azevêdo	Cidadania	Sim
PE	Não informado	Paulo Câmara	PSB	Não pode
PI	Todos os servidores	Wellington Dias	PT	Não pode
PR	Todos os servidores	Ratinho Júnior	PSD	Sim
RJ	Todos os servidores	Cláudio Castro	PL	Sim
RN	Uma ou mais categorias específicas	Fátima Bezerra	PT	Sim
RO	Uma ou mais categorias específicas	Marcos Rocha	PSL	Sim
RR	Todos os servidores	Antonio Denarium	PP	Sim
RS	Uma ou mais categorias específicas	Eduardo Leite	PSDB	Não vai tentar
SC	Uma ou mais categorias específicas	Carlos Moisés	Sem partido	Sim
SE	Não informado	Belivaldo Chagas	PSD	Não pode
SP	Uma ou mais categorias específicas	João Doria	PSDB	Não vai tentar*
TO	Uma ou mais categorias específicas	Wanderlei Barbosa	Sem partido	Sim

* deve disputar a Presidência
** pagamento da terceira parcela de reajuste a servidores

A mudança de perfil de Rosa Weber, a próxima presidente do STF

Magistrada, que vai comandar a Corte no auge da campanha eleitoral, passou a proferir decisões mais contundentes

JORGE WILLIAM / 12-02-2019

Eleição. Rosa Weber no STF: responsável por decisões desfavoráveis ao governo Bolsonaro, ministra comandará Corte

MARIANA MUNIZ
mariana.muniz@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

Próxima presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), a ministra Rosa Weber encerra 2021 como uma das autoras de decisões que mais impuseram reveses ao governo Jair Bolsonaro (PL) na Corte. Diferentemente de outros magistrados, que já travaram embates públicos com o titular do Palácio do Planalto, Rosa se limitou a mandar seus recados por meio dos despachos que proferiu. Discreta, avessa a declarações à imprensa e às articulações políticas, a ministra acaba de completar dez anos no Supremo, praticamente sem conceder entrevistas.

Rosa assumirá o tribunal mais importante do país em setembro de 2022, no auge da campanha presidencial. Internamente, a avaliação é que ela terá como principal desafio a tarefa de manter uma relação institucionalmente equilibrada com o Palácio do Planalto, sem que o tribunal esmoreça na condução dos processos que tenham como alvo integrantes e aliados do governo. Desde que assumiu, o presidente Jair Bolsonaro manteve uma agenda praticamente constante de ataques ao Judiciário, sobretudo ao Supremo.

> Ministra incomodou governo: suspendeu decretos e autorizou abertura de inquéritos

De acordo com a percepção de quem acompanha de perto o trabalho da ministra, ela endureceu a caneta ao longo de sua trajetória no tribunal e, principalmente no último ano, passou a dar votos e decisões mais contundentes do que costumava fazer nos primeiros anos da Corte. Desde então, com frequência, ela é tratada nos bastidores como uma juíza insegura, pouco versátil e ainda muito vinculada à Justiça Trabalhista, sua área de origem.

Interlocutores do STF atribuem parte da mudança no perfil de Rosa à chegada em seu gabinete de parte da equipe que trabalhava com o ministro aposentado Celso de Mello. Durante anos, Mello foi o decano do Supremo e, em todo esse período, era conhecido no meio jurídico por votos elaborar longos e consistentes.

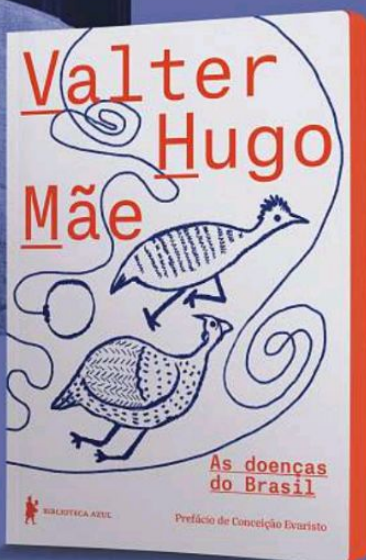
Ao GLOBO, Celso de Mello elogiou a colega, a quem classificou como "notável magistrada, respeitada pela comunidade jurídica e por seus jurisdicionados, com longa experiência no desempenho —sempre seguro e brilhante —de suas funções". A ministra, que hoje é vice-presidente do STF, presidiu o Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), quando comandou as eleições nas quais Bolsonaro saiu eleito.

— Tenho plena convicção de que a ministra Rosa Weber será uma grande presidente do STF, consideradas as suas inúmeras e peregrinas virtudes que sempre revelou no desempenho da judicatura —, afirmou Mello, antes de listá-las: — Isenção, firmeza, discrição, independência, sólida formação jurídica, intelectual e humanística, fina sensibilidade e apurada aptidão administrativa, senso de colegialidade e inquestionável integridade pessoal, moral e profissional.

FREIOS A BOLSONARO

Do gabinete de Rosa Weber saíram algumas das principais decisões que incomodaram o Planalto nos últimos tempos. Uma das mais importante delas foi a que a interrompeu o pagamento das emendas de relator, que compõem o chamado "orçamento secreto". Tratava-se de um instrumento pelo qual o Executivo distribuía recursos da União por orientação de parlamentares aliados, sem que eles fossem identificados publicamente. Rosa também suspendeu os decretos que flexibilizam o porte e a posse de armas no país. Em outro despacho, ela determinou a abertura do inquérito que investiga as suspeitas de corrupção na compra da vacina indiana contra a Covid-19 da Covaxin. Nesse caso, Bolsonaro é alvo por suposta prática de prevaricação.

Ela também impôs reveses ao governo durante a CPI da pandemia. Rosa negou que governadores pudessem ser convocados para prestar depoimento, contrariando o pleito de Bolsonaro e seus aliados no Congresso. Em junho, quando vetou o pedido do empresário bolsonarista Carlos Wizard para faltar à audiência da CPI, Rosa chamou de "fato gravíssimo" a existência de um "gabinete paralelo", estrutura informal montada para aconselhar Bolsonaro, e da qual Wizard seria um dos integrantes.

Aos 73 anos, a ministra deve ser a próxima integrante da Corte a pendurar a toga. Pela regras vigentes, a aposentadoria compulsória dos membros do STF ocorre aos 75 anos.

Um novo ano com férias, jet ski e atuação nas redes

Criticado por preterir presença na tragédia das chuvas no Sul da Bahia para não interromper folga, Bolsonaro chega ao 1º dia útil do ano ainda no litoral catarinense. Previsão é voltar amanhã a Brasília, e governo ainda adia início da vacinação infantil

GERALDA DOCA
geralda.doca@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

O presidente Jair Bolsonaro chega hoje ao seu oitavo dia de férias no litoral de Santa Catarina, onde desembarcou na segunda-feira da semana passada. Ele só deve retornar a Brasília amanhã, conforme a previsão inicial do Planalto. O governo ainda retarda o início da vacinação infantil no país, recomendada por órgãos sanitários internacionais e pela Anvisa. O Ministério da Saúde vinha alegando querer esperar o resultado de uma consulta pública sobre o tema em seu seite, que terminaria ontem — sobre o assunto, Bolsonaro chegou a declarar durante as férias que não deixaria sua filha Laura, de 11 anos, se vacinar.

Ontem, mais uma vez, o presidente passou de moto aquática no mar catarinense, e usou as redes sociais para propagandear ações do governo.

Durante esse período, Bolsonaro não visitou nenhuma vez as áreas do país atingidas pelas chuvas de dezembro, sobretudo o Sul da Bahia, onde morreram 25 pessoas e 32.594 estão desabrigadas. A decisão de não interromper o descanso enquanto parte da população sofre com as enchentes gerou incômodos dentro do próprio governo, entre aliados do presidente. Em contrapartida, seus auxiliares argumentam que, mesmo de férias, Bolsonaro tem se envolvido nas decisões relacionadas a essas regiões e autorizados as ações de socorro.

VILMAR BANNACH/PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

No mar. Bolsonaro passeia de jet-ski em São Francisco do do Sul (SC): presidente decidiu manter as férias e não visitou áreas atingidas por chuvas na Bahia

A permanência do presidente no Sul do país deflagrou uma verdadeira guerra virtual nas redes sociais. Críticos e apoiadores de Bolsonaro tem travado batalhas diárias em torno do assunto. No primeiro dia de 2022, bolsonaristas e opositores voltaram a protagonizar uma disputa de hashtags no Twitter. O #TicTacBolsonaro, lançado por pessoas contrárias ao governo, dividiu espaço com o #BolsonaroAte2026, elaborado por eleitores que defendem a reeleição do chefe do Executivo. De um lado, internautas estão compartilhando uma contagem regressiva para o fim do mandato do titular do Palácio do Planalto, enquanto seus apoiadores pregam a permanência dele no poder por mais quatro anos, após a eleição de 2022.

Ontem, o presidente pediu no Twitter que seus seguidores passem a acompanhá-lo também no Gettr, rede social fundada pelo ex-assessor do ex-presidente americano Donald Trump Jason Miller, e conhecida por ter regras menos rígidas de controle de conteúdo e combate à desinformação.

REDES SOCIAIS

Embora tenha evitado declarações públicas sobre as enchentes que assolam a Bahia, Bolsonaro usou as redes sociais para divulgar ações do governo federal, como o envio de donativos e a presença de membros das Forças Armadas, para os municípios atingidos. Em resposta às críticas de que ignorou a tragédia, Bolsonaro tem publicado que está "relembrando periodicamente" as ações federais. Ele também usou as redes para publicar seus passeios de férias em São Francisco do Sul. Nos registros, Bolsonaro visitou uma senhora identificada como "Zilah", de 95 anos, comeu pastel e caldo de cana na rua, cortou o cabelo e apostou na Mega-Sena da virada.

AGU pede a Moraes para negar afastamento de secretário

Vicente Santini é acusado de interferência indevida em extradição de blogueiro

AGUIRRE TALENTO
atalento@edglobo.com.br
BRASÍLIA

A Advocacia-Geral da União (AGU) solicitou ao ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes a rejeição de um pedido de afastamento do secretário nacional de Justiça, Vicente Santini, por suspeita de interferência no processo de extradição do blogueiro bolsonarista Allan dos Santos, atualmente residente nos Estados Unidos.

O pedido de afastamento foi feito pelo senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP). Moraes pediu uma manifestação da defesa de Santini antes de decidir sobre o pleito, o que foi feito através da AGU.

Na argumentação da AGU, não houve interferência indevida de Santini no processo de extradição. A AGU afirma que o Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Internacional (DRCI) é um órgão subordinado à Secretaria Nacional de Justiça e, por isso, o secretário tem o direito de tomar conhecimento dos processos de extradição e de dar a palavra final.

"A alegação é absolutamente infundada e não reúne mínimos elementos para deflagração de investigação – por quaisquer esferas do MPF, eis que o Secretário Nacional de Justiça não teve ciência ou qualquer acesso ao processo de extradição do Senhor Allan dos Santos e, mesmo que tivesse tido, não haveria qualquer irregularidade, na medida em que desempenha a função de Secretário Nacional de Justiça, ao qual vinculado o DRCI, competindo-lhe, pois, em última análise, a tomada de decisões e a orientação em face de todas as atribuições reservadas à SENAJUS, por lei e por decreto", escreveu a AGU.

INFORMAÇÕES INTERNAS

Depoimentos de funcionários do DRCI à Polícia Federal revelaram que Santini pediu informações sobre o andamento do pedido de extradição e, depois, baixou uma ordem para que todos processos de extradição passassem por ele. O senador Randolfe argumentou que houve desvio de finalidade na sua atuação, pedindo seu afastamento.

A Procuradoria-Geral da República (PGR) também se manifestou contra o afastamento do secretário.

ROSINEI COUTINHO / DIVULGAÇÃO / 13-12-2018

Em análise. Moraes em sessão do STF: ministro decidirá sobre afastamento

Agora, caberá a Moraes proferir uma decisão a respeito do pedido.

Em outubro, o ministro do STF determinou a prisão preventiva e extradição de Allan dos Santos, alvo de inquéritos no STF sobre Fake News, além de ser investigado em atuação de milícia digital contra a democracia. O blogueiro foi alvo da nova determinação por ter continuado a articular ataques às instituições democráticas. Na decisão, Moraes pediu que o Ministério da Justiça iniciasse o procedimento de extradição de Santos, que é intermediado pelo DRCI.

O processo saiu do Ministério da Justiça rumo aos EUA dois dias antes de a decisão de Moraes ser divulgada em outubro. O Palácio do Planalto só soube do encaminhamento da documentação em novembro.

O episódio culminou na exoneração da chefe do departamento responsável pelos trâmites entre o Brasil e os Estados Unidos, a delegada da Polícia Federal Silvia Amélia Fonseca de Oliveira. Depois do demissão, Santini expediu um ofício interno para estabelecer que, a partir de então, os processos de extradição teriam que ser submetidos a ele, o que não ocorria.

Amigo dos filhos do presidente Jair Bolsonaro, Vicente Santini já esteve no centro de outra saia-justa, que lhe custou o emprego de secretário-adjunto da Casa Civil, posto que ocupava naquela ocasião. Em janeiro de 2020, durante uma viagem internacional, Santini pegou um jatinho da Força Aérea Brasileira (FAB) para viajar da Suíça à Índia acompanhado de apenas duas pessoas. Ao saber do caso, Bolsonaro se irritou e cobrou explicações sobre por que ele não foi de voos comercial, opção menos custosa ao Erário.

Posteriormente, em fevereiro de 2021, ele foi nomeado para a função de secretário-executivo da Secretaria-Geral da Presidência, mantendo-se, portanto, no Palácio do Planalto. Ele deixou o posto em julho, quando assumiu a atual cadeira no Ministério da Justiça, função na qual está atualmente.

Valdemar Costa Neto emplaca presidente do Banco do Nordeste

GERALDA DOCA
E AGUIRRE TALENTO
politica@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O presidente do PL, Valdemar Costa Neto, emplacou na presidência do Banco do Nordeste um apadrinhado político seu, o economista José Gomes da Costa, que deve ser nomeado para o cargo nos próximos dias pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, de acordo com interlocutores do governo.

Costa Neto havia atuado publicamente, no ano passado, para destituir o presidente do BNB Romildo Rolim, que foi retirado do posto em setembro. Chegou a gravar um vídeo fazendo denúncias contra a gestão de Rolim e enviou essas acusações ao Palácio do Planalto, o que resultou na queda do presidente do banco.

Desde então, a gestão estava interinamente sob o comando de Anderson Possa, que também ocupa uma diretoria do banco. Só agora é que o governo deve destravar a indicação do novo presidente.

INFLUÊNCIA ELEITORAL

O posto é cobiçado pelo Centrão, já que o banco é responsável por liberar microcrédito e verbas na região Nordeste, função estratégica em um ano eleitoral — o programa de microcrédito do BNB possui uma carteira de 2,4 milhões de clientes ativos, segundo dados de novembro do ano passado.

Gomes da Costa é funcionário de carreira do BNB e foi superintendente do banco na Bahia. Em setembro, havia sido indicado por Valdemar para comandar a diretoria financeira e de crédito do banco, posto que ocupa atualmente.

A nomeação é mais uma demonstração da influência de Valdemar Costa Neto no governo de Jair Bolsonaro, que se filiou ao PL no mês passado para concorrer à reeleição pela legenda. Costa Neto foi condenado no mensalão petista e é alvo de uma ação penal por suspeitas de participação em desvios em contratos na obra da Ferrovia Norte-Sul durante gestões anteriores do governo federal.

Bolsonaro se aproximou do bloco parlamentar conhecido como Centrão, do qual o PL é um dos principais partidos, desde o início do ano passado. Desde então, Valdemar Costa Neto já emplacou indicados em vários órgãos da administração pública, como o diretor de Ações Educacionais do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Gharigan Amarante Pinto, e o diretor-geral do Departamento Nacional de Obras contra a Seca (Dnocs), Fernando de Araújo Leão, ambos nomeados em maio do ano passado.

NA WEB
CHUVAS NA BAHIA
Bombeiros do Rio com Covid-19
Contaminação foi confirmada em 19 dos 46 que foram ao estado auxiliar nos resgates

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

O FILME DE UMA VIDA

Sequestrada e levada para a França bebê, jovem realiza sonho de achar família

REPRODUÇÕES

Superação. Isabella dos Santos foi sequestrada quando era um bebê de dois meses e adotada ilegalmente por casal francês que perdeu pátrio poder

ARTHUR LEAL
arthur.leal@oglobo.com.br

Personagem central de uma trama digna de filme iniciada nos anos 1980 em São Paulo, Charlotte Merryl Cohen-Tenoudji trilhou um longo caminho movida por um sonho até deixar para trás sua história de filha de família de classe média francesa para se tornar quem de fato era: Isabella dos Santos, um bebê sequestrado no Brasil e vendido no mercado de adoções ilegais. Sozinha, ela saiu de Paris com uma mala na mão, aos 25 anos, e achou, em São Paulo, a família da mãe biológica, que morreu assassinada três anos depois de seu nascimento. Agora, prepara um novo mergulho em suas raízes para encontrar o pai.

A busca por seu lugar no mundo dura quase 20 anos.

— Nunca tive natais felizes com irmãos, tios, avós que pudessem me contar memórias de família. Sou muito grata por ter encontrado minha mãe e, ao mesmo tempo triste porque, quando a achei, ela já não podia estar comigo. Mas quero estreitar laços com a minha família verdadeira e resolver questões com meu pai biológico — diz Isabella, que usa socialmente o nome de batismo, antes mesmo que seus documentos sejam regularizados.

O pai adotivo está hoje doente, com 92 anos, e a mulher dele, que era bipolar, morreu. Vendida com dois meses, Isabella foi parar nos braços do casal de franceses, que se revelou desajustado e alcoólatra.

MAUS-TRATOS E ABANDONO

Sofreu muito, sentiu abandono e medo e se lembra, sobretudo, das agressões. Quando descobriu que não era filha legítima e passou a perguntar sobre sua origem, a mãe adotiva respondia que a tinha achado no lixo. Foram tantos abusos que os pais perderam o pátrio poder e ela foi para um abrigo público. Mas pôde estudar. Aos 34 anos, é formada em Cinema e Letras pela Universidade de Sorbonne e fala quatro idiomas:

— Minha vida é como se fosse a junção de várias novelas. Tentaram pulverizar a minha história, dividi-la em pedacinhos, e eu tive que catar cada peça.

Há quatro anos, ela conseguiu, através de um teste de DNA, comprovar que sua mãe era a empregada doméstica Jacira Lima dos Santos, que trabalhou na casa do casal que a vendeu e a enviou para a França. Jacira foi assassinada em 1991, aos 25 anos, poucos dias após ter tido um outro bebê, sob circunstâncias que nunca foram esclarecidas. No encontro com Lucélia, irmã mais velha, em Campinas (SP), Isabela ouviu palavras que lhe deram ânimo:

Reencontro. Depois de 20 anos, jovem achou a irmã mais velha (à esquerda)

Infância. Como Charlotte, Isabella na casa onde viveu por 16 anos, em Paris

— Ela disse que eu fui muito amada e que o grande desejo da minha mãe era me reencontrar. Foi o melhor presente que recebi e a força decisiva para a minha reconstrução.

A suspeita sobre a identidade do pai biológico de Isabella é mantida em sigilo por ela, em respeito a um processo judicial iniciado este ano. Ela depende que os irmãos por parte do suposto pai, que foi cremado, aceitem fazer teste de DNA.

— A minha última meta, depois de conseguir confirmar na Justiça o nome do meu pai, é ter uma nova certidão de nascimento — afirma Isabella, que prepara um documentário com o Canal Brasil e pretende escrever uma autobiografia. — É uma forma de dar uma resposta às pessoas que fizeram isso comigo e esconderam meu nome verdadeiro.

Se saiu sozinha da França, mal sabendo falar português, no Brasil teve ajuda de Wal Ferrão, da ONG Portal Kids, também conhecida como projeto Mães do Brasil. Juntas, elas puxaram o fio de um esquema de tráfico ilegal de crianças a partir do Lar das Crianças Menino Jesus, na capital paulista, orfanato presidido pelo casal italiano Franco e Guiomar Morselli, que morreram em 2015 e 2020. Em 2014, eles chegaram a ser convocados para a CPI do Tráfico de Pessoas, graças à luta da Isabella, mas nunca foram punidos.

VENDIDA POR 15 MIL EUROS

Um processo do Ministério Público Federal de 2015 pede à família Morselli indenização para Isabella por danos morais. A reportagem não conseguiu contato com a defesa da família. Um dos filhos, representado pela Defensoria Pública da União, também não foi localizado.

— Quando ela me procurou, eu a auxiliei a fazer um dossiê e saímos atrás de ajuda nas instituições. Ela tem uma história de muita luta desde pequena. É muito determinada, um exemplo. Criamos uma relação de mãe e filha que se mantém até hoje — conta Wal. — Ela agora é da minha família, digo sempre que nunca mais estará sozinha.

Guiomar Morselli teria negociado Isabella por 15 mil euros. O modus operandi teria sido registrá-la em nome de uma "mãe laranja" como gêmea de outra criança, o que permitia o envio de dois bebês de uma só vez. Isabella foi atendida com o próprio nome para exames num grande hospital de São Paulo, mas em outra consulta já surgiu como Charlotte. Foram esses documentos de consultas médicas com nomes diferentes, encontrados por Isabella aos 15 anos, que lhe abriram os segredos de seu nascimento. Além de Lucélia, ela tem um irmão mais novo e outra irmã que também foi vendida a um casal estrangeiro, da qual ainda não sabe o paradeiro.

Os pais adotivos conseguiram registrá-la legalmente na França, cinco anos depois que ela chegou, o que sugere negligência de autoridades francesas no caso.

— Esperei 30 anos para comemorar aniversário no dia em que eu nasci — conta Isabella, que agora sabe ter nascido em 30 de abril de 1987.

De 2020 a outubro deste ano, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram denunciados 200 casos de tráfico de crianças e adolescentes, 42 deles ligados à adoção ilegal.

ANTÔNIO GOIS

antonio.gois@jeduca.org.br

Há muito em jogo em 2022

O bicentenário da Independência e a realização de mais uma eleição presidencial fariam de 2022 um ano perfeito para debatermos projetos sobre o futuro, ao mesmo tempo em que aprofundaríamos o conhecimento sobre as razões de nosso atraso histórico na educação. Poderíamos ter discussões de alto nível, com argumentos embasados nas melhores evidências disponíveis, opondo visões de país e projetos educacionais distintos, de forma qualificada e respeitosa. Bem, mas este é o cenário utópico. Nada no horizonte próximo indica que chegaremos perto disso.

Para começar, é pouco provável que a educação esteja no centro dos debates nacionais. É natural que, em qualquer eleição, os temas econômicos tenham grande relevância para a população. O que não é normal — ou, ao menos, não deveria ser naturalizado — é o descaso com que sempre tratamos os temas educacionais, tão fundamentais para o desenvolvimento no longo prazo em todos os demais setores.

Nas últimas eleições presidenciais, o escasso debate que tivemos acabou capturado pelos temas da agenda bolsonarista, cujo programa de governo (se é que uma coleção de slides de PowerPoint pode assim ser chamado) enfatizava o combate à doutrinação marxista, à sexualização precoce e a promessa de "expurgar a ideologia de Paulo Freire". Durante toda a campanha, representantes da campanha vitoriosa faltaram a todos os debates entre os indicados pelas candidaturas para falar sobre os projetos educacionais.

As constantes trocas de ministros e em cargos do alto escalão do MEC nos três primeiros anos de governo deixaram claro que, fora as palavras de ordem que nem de perto tocavam na raiz de nossos problemas educacionais, não havia projeto para o setor. Caso o presidente chegue em outubro em condições eleitorais desfavoráveis como as indicadas pelas pesquisas de opinião de momento e sem nada de sólido para mostrar na educação, é provável que dobre a aposta nos temas que acenam apenas para sua base radical. As declarações de que o Enem terá a "cara de seu governo" são indicativos dessa postura.

> ***Descaso com temas educacionais, tão fundamentais, em eleições, não é normal, ou não deveria ser naturalizado***

Três anos de governo Bolsonaro trouxeram várias lições para a área educacional. Algumas foram positivas, como a demonstração de que a mobilização da sociedade civil foi capaz de vitórias como a aprovação do novo Fundeb, mesmo o governo federal tendo se omitido inicialmente ou se posicionado contra a proposta até o momento em que percebeu que a derrota no Congresso era inevitável. Cabe destacar aqui o papel fundamental que tiveram nesse e em outros debates atores políticos que surgiram depois da redemocratização do país, caso das entidades representativas de secretários estaduais (Consed) e municipais (Undime) de educação e organizações como a Campanha Nacional Pelo Direito à Educação e o movimento Todos Pela Educação.

Por outro lado, os relatos de servidores públicos em órgãos como o Inep, Capes, Anvisa e Ibama, entre outros, evidenciaram a importância de fortalecermos essas instituições públicas. É natural que elas sofram alguma influência dos projetos políticos que saiam vitoriosos das urnas, mas seu principal norte precisa ser orientado por políticas de Estado, menos dependentes de governo de ocasião.

Saúde

'FLURONA'

Israel detecta dupla infecção de Covid e gripe

Médicos dizem que ocorrência rara foi diagnosticada em uma jovem grávida

NA WEB

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

CASOS LEVES DA ÔMICRON

Variante é menos agressiva por poupar os pulmões, indicam estudos

CARL ZIMMER E AZEEN GHORAYSHI
Do New York Times

Uma série de novos estudos em animais e tecidos humanos forneceu a primeira explicação sobre por que a variante Ômicron causa quadros mais brandos da Covid do que as versões anteriores do vírus.

Em pesquisas com ratos de laboratório, a Ômicron produziu infecções menos graves, muitas limitadas às vias respiratórias superiores: nariz, garganta e traqueia. A variante causou muito menos danos aos pulmões, onde as anteriores costumavam produzir sérias dificuldades respiratórias.

— Dá para dizer que a ideia de uma doença que se manifesta principalmente no sistema respiratório superior está surgindo — afirmou Roland Eils, biólogo do Instituto de Saúde de Berlim, que estudou como os coronavírus infectam as vias aéreas.

Em novembro, quando o primeiro caso sobre a variante Ômicron foi reportado na África do Sul, os cientistas especulavam como seria o comportamento da nova cepa em comparação às versões anteriores. Tudo o que sabiam era que ela tinha uma combinação diferente e preocupante de mais de 50 mutações.

Pesquisas anteriores haviam mostrado que algumas dessas mutações permitiam que os coronavírus se agarrassem às células com mais força. Outras, que o vírus escapasse dos anticorpos. Mas como a nova variante se comportaria dentro do corpo era um mistério.

TOLGA AKMEN/AFP

Transmissão alta. Ponto de distribuição de testes para a Covid em Londres, no Reino Unido, onde os casos aumentaram; embora os novos estudos ajudem a explicar por que a Ômicron causa quadros mais leves, eles ainda não respondem por que a variante é tão transmissível

No entanto, à medida que os casos disparavam, as hospitalizações pouco aumentavam. Os primeiros estudos com pacientes sugeriram que a variante tinha chance menor de causar doenças graves do que outras cepas, especialmente em pessoas vacinadas. Ainda assim, essas descobertas vieram com muitas ressalvas.

Por um lado, a maior parte das primeiras infecções por Ômicron ocorreu em jovens, menos propensos a adoecer gravemente com todas as versões do vírus. E muitos desses casos iniciais estavam acontecendo em pessoas com alguma imunidade de infecções anteriores ou vinda de vacinas. Não estava claro se a Ômicron também seria menos grave em uma pessoa idosa não vacinada, por exemplo.

Mais de meia dúzia de experimentos em animais tornados públicos nos últimos dias apontaram para a mesma conclusão: a Ômicron é mais branda do que a Delta e outras versões anteriores do vírus.

Na quarta-feira, um amplo consórcio de cientistas japoneses e americanos divulgou um relatório sobre hamsters e camundongos infectados com a Ômicron ou uma das várias cepas anteriores. Os infectados com a Ômicron tiveram menos danos aos pulmões, perderam menos peso e eram menos propensos a morrer, concluiu o estudo. Outros trabalhos em roedores chegaram à mesma conclusão.

MENOS VÍRUS NOS TECIDOS

O motivo de a Ômicron ser mais suave pode ser uma questão de anatomia. Michael Diamond, virologista da Universidade de Washington e coautor do estudo, descobriu com seus colegas que o nível de Ômicron no nariz dos hamsters era o mesmo dos animais infectados com uma forma anterior do coronavírus. Mas os níveis de Ômicron nos pulmões eram um décimo ou menos do nível de outras variantes.

Uma descoberta semelhante veio de pesquisadores da Universidade de Hong Kong, que estudaram pedaços de tecido das vias aéreas humanas. Em 12 amostras de pulmão, descobriram que a Ômicron cresceu mais lentamente do que a Delta e outras variantes.

Os pesquisadores também infectaram tecido dos brônquios, os tubos na parte superior do tórax que levam o ar da traqueia aos pulmões. E dentro dessas células brônquicas, nos primeiros dois dias após uma infecção, a Ômicron cresceu mais rapidamente do que a Delta ou a cepa original.

Essas descobertas terão de ser acompanhadas por mais estudos, como experimentos com macacos ou exame das vias aéreas de pessoas infectadas com Ômicron. Eles podem explicar por que os infectados com a variante parecem menos propensos a serem hospitalizados do que os com Delta.

As infecções por coronavírus começam no nariz ou na boca e se espalham pela garganta. Casos leves não vão muito além. Mas, quando o vírus atinge os pulmões, pode causar sérios danos.

As células imunológicas nos pulmões podem reagir de forma exagerada, matando não apenas as células infectadas, mas também as não infectadas. E podem produzir inflamação descontrolada, deixando cicatrizes nas paredes do pulmão. Além do mais, os vírus podem escapar para a corrente sanguínea, desencadeando coágulos e destruindo outros órgãos.

Ravindra Gupta, virologista da Universidade de Cambridge, suspeita que os novos dados de sua equipe forneçam uma explicação molecular de por que a Ômicron não se sai tão bem nos pulmões.

Muitas células do pulmão carregam uma proteína chamada TMPRSS2 em sua superfície, que pode inadvertidamente ajudar os vírus a entrarem na célula. Mas a equipe de Gupta descobriu que essa proteína não se agarra muito bem à Ômicron. Como resultado, a variante faz um trabalho pior ao infectar as células do que a Delta. Uma equipe da Universidade de Glasgow chegou à mesma conclusão.

Por meio de uma rota alternativa, os coronavírus também podem se infiltrar nas células que não produzem TMPRSS2. Mais acima nas vias respiratórias, as células tendem a não transportar a proteína, o que pode explicar a evidência de que a Ômicron é encontrada ali com mais frequência do que nos pulmões.

Embora esses estudos ajudem a explicar claramente por que a Ômicron causa quadros mais leves, eles ainda não respondem por que a variante é tão boa em se espalhar de uma pessoa para outra.

CIÊNCIA

Natalia Pasternak
Microbiologista, presidente do Instituto Questão de Ciência, pesquisadora do ICB-USP e autora do livro "Ciência no Cotidiano"

Ano novo, vacina nova!

Fechamos 2021 com nove vacinas para Covid-19 aprovadas para uso no mundo, e mais 19 em uso limitado ou emergencial, de acordo com dados do New York Times. É certamente motivo de comemoração, e devemos celebrar a ciência construída em tão pouco tempo. Essa rapidez, aliás, é fruto de intensa colaboração internacional e de investimento sem precedentes da iniciativa privada e de filantropia.

Mesmo com a chegada da variante Ômicron, que realmente parece ser bem mais contagiosa que as anteriores, porém não tão eficiente em causar doença grave, sabemos que as vacinas seguem nos protegendo de hospitalização e morte. A Ômicron tem se mostrado capaz de driblar vacinas, contagiando imunizados. Mas, ainda assim, as vacinas seguem "segurando a onda", reduzindo muito o risco de que os vacinados, quando contaminados, sofram complicações.

O surgimento de uma variante como a Ômicron, com seu escape de vacinas, vem nos lembrar do que já sabíamos e vinha sido repetido exaustivamente por cientistas do mundo todo, e principalmente por representantes da Organização Mundial da Saúde: precisamos de um plano de vacinação global, incluindo os países pobres, ou veremos o surgimento de mais variantes em locais onde o vírus ainda circula livremente.

Pois 2022 traz a esperança de uma vacinação global mais inclusiva. Semana passada, a vacina Cobervax, desenvolvida nos Estados Unidos, recebeu autorização de uso emergencial na Índia, após reportar resultados satisfatórios na fase 3 dos testes clínicos. O teste de fase 3 foi feito por "não inferioridade", comparando a nova vacina a uma outra já aprovada — no caso, a Covishield, de vetor adenoviral, desenvolvida pela AstraZeneca e Universidade de Oxford. Esse tipo de teste é o padrão para quando já existem vacinas aprovadas no mercado, uma vez que seria antiético conduzir um ensaio com grupo placebo. Os dados ainda não foram publicados, mas os resultados parecem bons: de acordo com os desenvolvedores, a Cobervax foi superior à Covishield em produção de anticorpos neutralizantes.

A Cobervax foi pensada para ser uma vacina global, equitativa. Mais do que buscar ser a melhor vacina em termos de eficácia, ela foi pensada para cumprir um papel social

O mais interessante da nova vacina, no entanto, não é ser superior ou igual às que temos no mercado, mas, sim, o fato de ela ter sido feita com uma tecnologia bastante conhecida, barata e muito fácil de replicar e distribuir em qualquer local do mundo. A Cobervax foi pensada para ser uma vacina global, equitativa. Mais do que buscar ser a melhor vacina em termos de eficácia, ela foi pensada para cumprir um papel social.

A tecnologia utilizada é similar à vacina de hepatite B, velha conhecida e amplamente utilizada no mundo todo. Trata-se de uma vacina de subunidade proteica, ou seja, utiliza uma proteína do vírus de interesse. No caso, a Cobervax utiliza uma parte da proteína S do Sars-CoV-2. Esta proteína é produzida, para a vacina, por leveduras geneticamente modificadas, uma técnica barata e fácil de reproduzir. Após a produção pelas leveduras, a proteína é purificada e utilizada na formulação vacinal, junto com adjuvantes, substâncias que vão ajudar a provocar a resposta imune necessária. A vacina de proteína ainda vem com a vantagem de poder ser armazenada e transportada em temperatura de geladeira comum, facilitando a logística de países que não têm redes de cadeia de frio bem estabelecidas.

A vacina foi licenciada, sem patente, para a empresa Biological E. Limited, e foi desenvolvida com financiamento de filantropia. Os pesquisadores principais, Peter Hotez e Maria Elena Bottazzi, disseram ao jornal Washington Post que esperam que a Índia seja só o começo, e estão negociando com a Organização Mundial da Saúde para que a Cobervax possa ser utilizada em mais países. Os pesquisadores não pretendem lucrar absolutamente nada com a venda da vacina. É um sopro de esperança para a vacinação global em 2022.

QUEM PODE SE VACINAR

	RIO DE JANEIRO (RJ)	SÃO PAULO (SP)	BELO HORIZONTE (BH)
HOJE	**Reforço para pessoas de 55 anos ou mais**	**Reforço para maiores de 18 anos com segunda dose há 4 meses**	**Reforço para trabalhadores dos transportes coletivos e rodoviários**
MAIS À FRENTE	AMANHÃ — Reforço para pessoas de 55 anos ou mais	AMANHÃ — Reforço para maiores de 18 anos com segunda dose há 4 meses	AMANHÃ — Reforço para trabalhadores da educação infantil com segunda dose há 4 meses

OUTRAS CIDADES
NITERÓI (RJ) Reforço
BRASÍLIA (DF) Reforço
PORTO ALEGRE (RS) Reforço

MAIS DETALHES DA VACINAÇÃO
Aponte a câmera do seu celular para o QR e veja o calendário de algumas cidades

Economia

SALÁRIO MÍNIMO
Veja o valor em cada estado
No âmbito nacional, piso salarial subiu de R$ 1.100 para R$ 1.212, alta de 10,18%

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

REUTERS

Mesmo tom. No último ano do governo, o ministro Paulo Guedes deve insistir em temas que não avançaram, como reforma administrativa e venda de estatais

AGENDA APERTADA

Guedes quer privatizações e reformas, mas eleições e reajuste são obstáculos

GERALDA DOCA
E ELIANE OLIVEIRA
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA

O ministro da Economia, Paulo Guedes, diz sempre a seus interlocutores que, enquanto estiver no governo, vai brigar pela sua agenda. Mesmo que a proximidade das eleições dificulte o ambiente político no Congresso, ele afirma que tentará mudanças infralegais, como em normas, e ainda avançar na agenda de privatizações e concessões. Mas a realidade pode se mostrar bem mais difícil aos seus projetos. Em um ambiente polarizado, mesmo pontos que não dependem de deputados e senadores, como a privatização da Eletrobrás, podem enfrentar obstáculos.

E o ano já começa com um enorme desgaste para a equipe econômica: a pressão por reajuste salarial dos servidores, prometido pelo presidente Jair Bolsonaro apenas aos policiais, mas reivindicado por diversas categorias.

Guedes afirma que a falta de avanço que sua agenda enfrenta desde agosto é prova da antecipação do calendário eleitoral. Nos últimos mês, o governo centrou forças em apenas dois pontos, que se relacionavam: o Auxílio Brasil com benefício de R$ 400 mensais — principal aposta eleitoral do presidente — e a PEC dos Precatórios, para abrir espaço orçamentário a mais gastos públicos, a maior parte para atender a base do governo, em 2022. A privatização dos Correios, a reforma tributária e mesmo pontos como a melhora fiscal ficaram pelo caminho, atropeladas também pela piora da inflação e por menor crescimento. Os próprios articuladores do governo afirmam que o desafio é grande:

— Nossa janela de oportunidade é de 90 dias. Depois disso, o ambiente eleitoral vai dominar — diz o senador Eduardo Gomes (MDB-TO), líder do governo no Congresso.

PRESSÃO DE SERVIDORES

Ele acredita que haverá espaço para poucos projetos, talvez para pautas como mudanças no sistema de preços ou impostos dos combustíveis, um dos vilões da inflação alta. Mas projetos que têm sido defendidos pelo ministro da Economia com força nas últimas semanas, como a reforma administrativa, não contam com apoio sequer do presidente da República, tornando a base de governo cética com a proposta de uma alteração da Constituição que corte privilégios dos servidores em ano eleitoral. Auxiliares do ministro têm a mesma percepção: não há condições de aprovar este ano, assim como a reforma tributária, por causa das eleições.

Ao contrário: 2022 começará com a pressão dos servidores por reajustes. Com algumas categorias sem aumento há cinco anos, o anúncio de correção salarial para policiais federais insuflou o movimento sindical, que não descarta greves em fevereiro. Como o orçamento de 2022 reserva apenas R$ 1,7 bilhão para reajustes — insuficiente até mesmo para o que o Bolsonaro prometeu aos policiais, estimado em R$ 2,8 bilhões — o tema deverá dominar a agenda do ministério em janeiro.

Parlamentares veem pouco espaço para questões controversas avançarem:

— A agenda de votações esse ano dificilmente conterá temas polêmicos. O ambiente político está contaminado pela polarização excessiva. Qualquer agenda que estimule esse enfrentamento terá muita dificuldade — avalia o líder do DEM, Efraim Filho.

Especialistas avaliam que o momento é desafiador para o governo. Economista e professora do Insper, Juliana Inhasz lembra que a inflação continua alta, pressionada pela energia elétrica e pelos combustíveis. O desemprego segue elevado. E as dificuldades econômicas se somarão às incertezas políticas, com as dúvidas da sucessão presidencial:

— O cenário político coloca a economia em compasso de espera: o setor produtivo deve se manter em stand-by aguardando novas informações a respeito dos desdobramentos da campanha presidencial. Todos esses elementos somados deixam o crescimento econômico brasileiro cada vez mais distante.

> *"Nossa janela de oportunidade é de 90 dias. Depois disso, o ambiente eleitoral vai dominar"*
>
> **Eduardo Gomes,** líder do governo no Congresso

Juliana ressalta que o cenário é agravado pelo quadro internacional, com pressões inflacionárias vindas de economias desenvolvidas. Ela acredita na alta dos juros nos EUA, o que deve levar ao aumento do dólar no Brasil:

— Uma vez que o ano é mais curto (as eleições inutilizarão metade do ano), provavelmente a maioria das reformas necessárias não sairão do mundo das ideias, colocando ainda mais entraves ao processo de retomada da economia.

Ex-ministro da Fazenda no governo Sarney e um dos fundadores da consultoria Tendências, Mailson da Nóbrega afirma que o Brasil terá um ano difícil. Segundo ele, a inflação continuará alta ao longo do primeiro semestre e os juros devem subir, pelo menos, mais duas vezes em 2022:

GUEDES ENFRAQUECIDO

Para piorar, ele cita o que considera "uma loucura" de Bolsonaro: a promessa de reajuste salarial para os policiais. Ele alerta para o risco de Guedes enfraquecer-se ainda mais:

— Tomara que Bolsonaro tenha uma crise de bom senso e desista desse aumento.

Sérgio Vale, da MB Associados, afirma que o primeiro semestre deverá concentrar a adoção de medidas que, no fim, serão um esforço fiscal apenas pela reeleição do presidente Jair Bolsonaro.

— Creio ser difícil reformas importantes que demandam esforço de coordenação política como a tributária e a administrativa. Talvez o melhor que o governo poderia fazer é centrar atenção nas concessões e privatização da Eletrobras o quanto antes — disse Vale.

Segundo auxiliares do ministro, privatizações que dependam do Legislativo, como a dos Correios, ficarão em banho maria.

— Ninguém vai arriscar o seu voto aprovando um projeto impopular — disse um interlocutor.

A expectativa é sejam aprovadas só medidas pontuais, como a MP que flexibiliza as garantias para o mercado de crédito. Guedes porém vai manter o discurso e defender as reformas. Há ainda, na equipe econômica, a previsão de alta nos investimentos com as concessões que já estão engatilhadas pelo Ministério de Infraestrutura, como de aeroportos.

Valor investe

Leia outras reportagens sobre finanças pessoais e investimentos no site www.valorinveste.com

Crédito imobiliário deve ficar mais caro em 2022. É hora de financiar?

Em um empréstimo de R$ 300 mil para compra da casa própria, alta do juros representa acréscimo de R$ 60 mil em 30 anos

JÚLIA LEWGOY
economia@oglobo.com.br

Em 2021, a concessão de crédito imobiliário alcançou patamar recorde, com as pessoas valorizando a casa própria mais do que nunca durante a pandemia. Os empréstimos para aquisição e construção de imóveis com dinheiro da poupança, a maior parte, somaram R$ 206,9 bilhões no acumulado de 12 meses até novembro, disparada de 79,6% em comparação ao mesmo período anterior, conforme a Associação Brasileira das Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip).

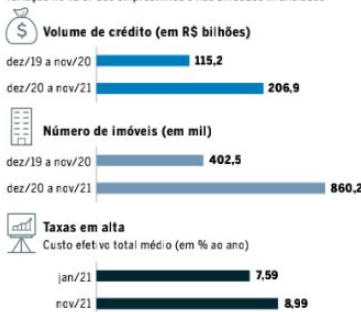
Contudo, à medida que o Banco Central foi aumentando a Selic para controlar a inflação, o cenário para financiar imóveis foi ficando mais difícil ao longo do ano. A taxa básica de juros da economia saiu da mínima histórica de 2% ao ano, em março, para os atuais 9,25% ao ano. Os bancos, então, repassaram esse custo de captação de recursos para os tomadores de crédito e elevaram os juros do crédito imobiliário. Será que ainda vai ser um bom negócio financiar a compra de imóveis em 2022?

Para os consumidores, a subida das taxas significa pagar mais caro para ter a casa própria, escolher um imóvel mais barato ou desistir da compra. Em um empréstimo de 20 ou 30 anos, qualquer diferença pequena nos juros faz muita diferença.

RENEGOCIAR APÓS JURO CAIR

O custo efetivo total (conhecido como CET, que inclui os juros e outras taxas embutidas no financiamento) médio para financiar um imóvel de R$ 375 mil aumentou de 7,59% ao ano, em janeiro, para 8,99% ao ano, em dezembro, de acordo com plataforma de crédito imobiliário Melhortaxa.

Isso significa que, para quem financiou R$ 300 mil do valor de um imóvel em janeiro, a primeira parcela ficou em média em R$ 2.614,31, para um prazo de 30 anos. Já para quem financiou o mesmo imóvel, pelo mesmo prazo, em dezembro, a primeira prestação foi 12% maior, de R$ 2.939,11, em média. Dá um aumento de aproximadamente R$ 60 mil ao longo dos 30 anos de parcelamento.

— Os bancos demoravam algum tempo para aumentar os juros após a alta da Selic, até por motivos competitivos. Entretanto, desta vez aconteceu o contrário. As instituições financeiras acompanharam a elevação muito rapidamente, por causa da expectativa para as taxas de longo prazo — afirma Paulo Chebat, presidente da Melhortaxa.

Segundo ele, houve subidas em praticamente todos os meses no segundo semestre e, atualmente, o juro médio do crédito imobiliário está na casa de 9% ao ano, mas há bancos que estão com taxas de dois dígitos, dependendo do relacionamento com o cliente.

Com as prestações mais altas, ficou mais difícil conseguir a aprovação do crédito, já que o empréstimo pode atingir apenas até 30% da renda mensal da pessoa.

— Os bancos ficaram mais restritivos, selecionando os clientes com menor risco de inadimplência — diz Chebat.

A expectativa do mercado financeiro é que a Selic chegue a 11,50% no final de 2022. Assim, é praticamente certo que o juro de novos contratos de crédito imobiliário ainda vai subir mais, dizem analistas.

— O ano de 2022 vai ser mais difícil para comprar imóvel. A melhor oportunidade foi entre o final de 2020 e o primeiro semestre de 2021 — diz Cristiane Portella, presidente da Abecip. — Mas isso não quer dizer que agora é uma hora ruim para financiar, para quem a prestação cabe no bolso.

Ela destaca que, apesar da alta de juros, a demanda continua aquecida e que, quando a Selic voltar a cair, as pessoas podem renegociar as taxas no seu banco ou fazer portabilidade, levando o crédito imobiliário para outra instituição financeira.

Alberto Ajzental, coordenador do curso de Negócios Imobiliários da Fundação Getulio Vargas (FGV), lembra que a alta de juros do crédito imobiliário costuma ser mais rápida que a queda. Embora a redução das taxas possa demorar, ele aconselha não financiar imóvel agora.

— Comprar agora é comprar perto do pico. Indico esperar três ou quatro meses e então analisar se os juros vão começar a cair.

COMPARAR MODALIDADES

Para fechar um bom negócio, os especialistas sugerem bater na porta de diferentes bancos e escolher com calma a melhor condição de crédito imobiliário oferecida. Vale lembrar que é preciso comparar o Custo Efetivo Total (CET), que inclui os juros e outras taxas embutidas.

Outra dica é entender a taxa de juros contratada, se é prefixada ou atrelada a algum indicador, como o IPCA ou a poupança. Créditos com taxas indexadas podem valer mais a pena no curto prazo, mas são mais arriscados no longo prazo. Se esses índices sobem rapidamente, como aconteceu em 2021, a parcela dispara e você precisa ter dinheiro para amortizar o financiamento.

'BOOM' NOS FINANCIAMENTOS

Variação no valor dos empréstimos e nas unidades financiadas

Fonte: Abecip e Melhortaxa

Editoria de Arte

Excepcionalmente hoje, a seção Indicadores Financeiros não é publicada

Ano novo, roupas e calçados renovados para a volta aos escritórios

Com o fim do trabalho remoto em várias empresas e a alta de preços de peças novas, cresce a procura por pequenos reparos

Corte, costura e conserto. No brechó de Adriana Cardoso, busca por pequenos reparos de roupas e calçados disparou

AMANDA SCATOLINI*
amanda.scatolini@oglobo.com.br

O retorno de grande parte das atividades presenciais nos últimos meses trouxe uma "preocupação" extra para muitas pessoas: o tempo em casa também fez efeito nas roupas e calçados. É a calça que não serve mais, o sapato social com a sola descolando, a blusa manchada de mofo, acessórios descascando devido à falta de uso e por aí vai.

Quem já não ficou com o salto de sandália perdido na calçada antes de entrar no escritório ou precisou improvisar com a costura da calça que arrebentou com os quilos a mais trazidos pela pandemia? Susto para uns, lucro para outros. A busca por pequenos consertos disparou e trouxe alívio para costureiras, sapateiros e ateliês. Pesa na equação também a alta da inflação: com os preços de peças novas nas alturas, renovar as antigas virou a primeira opção para muitos consumidores.

— Eu só tenho dois sapatos de trabalho e um deles estava completamente descascado e com a sola presa pela metade. Fiquei com dó de jogar fora, e mais dó de mim por talvez precisar gastar meu dinheiro com um novo — brinca o professor Renato de Almeida, de 36 anos, de Sorocaba (SP). — Está tudo muito caro, então o que tiver para economizar, eu topo.

Dona de um brechó em Copacabana, Adriana Maria Nunes Cardoso, de 49 anos, conta que a retomada tem sido bastante movimentada. Durante o pico da pandemia, a carioca viu a busca pelos serviços despencar, o que afetou, e muito, a renda no fim do mês. O local, que divide com as irmãs, teve que ficar fechado durante meses devido às restrições para conter a Covid-19, e só recentemente voltou à ativa. Porém, o momento parece ser outro agora.

— Já voltou uns 80% do que era antes. Muita gente emagreceu ou ganhou peso durante a pandemia, então agora estão notando que precisam fazer uns ajustes nas roupas que tinham para poder usar de novo — conta Adriana, que está no ramo há mais de 10 anos. — Tem também roupa que estragou no armário e precisa ser tingida. Há busca de todo tipo de serviço de reparos.

O crescimento na demanda foi notado também pela costureira Lourdes Maria Silva, de 56 anos. Ao contrário de Adriana, ela atende no quintal da própria casa, na Tijuca, Zona Norte. Viúva, a costureira diz que passou dificuldades durante a pandemia:

— Tive que atender a domicílio por alguns meses, ou não conseguiria me sustentar. Felizmente a procura tem aumentado bastante e eu voltei a atender só aqui em casa. Ainda não está 100%, mas espero que as coisas melhorem.

*(*Estagiária, sob supervisão de Luciana Rodrigues)*

México anuncia que vai lançar moeda digital nacional até 2024

BLOOMBERG NEWS
CIDADE DO MÉXICO

O Banco Central do México vai ter sua própria moeda digital, que entrará em circulação até 2024, com o objetivo de estimular a inclusão financeira no país. A informação foi divulgada na semana passada nas redes sociais do governo do México.

De acordo com o governo mexicano, a medida reconhece a importância da chegada de novas tecnologias e da infraestrutura de novos pagamentos.

O Banxico, como é conhecido o Banco Central do México, apresentou um plano para criar uma plataforma de moeda digital baseada no seu sistema de pagamento interbancário, em relatório publicado em 17 de dezembro no seu site. Porém, ainda não havia estabelecido uma data efetiva para o lançamento.

No México, a regulação bancária proíbe negociações com criptomoedas como o bitcoin. E o presidente do Banxico, Alejandro Diaz de Leon, já tinha antecipado que o governo estudava a criação de sua própria moeda digital.

Além do México, outros bancos centrais pelo mundo estão articulando a criação de alternativas digitais similares às criptomoedas. No Brasil, o Banco Central já afirmou que planeja lançar um real digital, cujo valor será atrelado ao do real convencional. E, em setembro, El Salvador se tornou o primeiro país a reconhecer o bitcoin como moeda corrente.

NA WEB
SINTOMAS LEVES
Governador testa positivo para Covid
Cláudio Castro já tinha tido a doença. Ele reforçou a importância da vacinação

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

GABRIEL DE PAIVA

Desembarque. Após momentos de tensão, pessoas deixam o navio MSC Preziosa na tarde de ontem, no Píer Mauá: 26 passageiros e dois tripulantes infectados terão que fazer quarentena domiciliar

O CRUZEIRO DA COVID

Passageiros contaminados que estavam em navio farão quarentena

GIOVANNI MOURÃO, GIULIA VIDALE E RAFAEL NASCIMENTO DE SOUZA
grunderio@oglobo.com.br

Vinte e seis passageiros e dois tripulantes do navio MSC Preziosa, que atracou no Pier Mauá, na Zona Portuária do Rio, na manhã de ontem, terão de ficar numa autoquarentena domiciliar após terem testado positivo para a Covid-19. A embarcação chegou a ancorar na Praia de Copacabana durante a virada do dia 31, e seguiu para Búzios, na Região dos Lagos, antes de voltar à capital. Durante algumas horas, todos os passageiros ficaram retidos dentro do navio e só deixaram a embarcação no início da tarde. Apesar dos casos registrados, à tarde novos passageiros embarcaram no Preziosa para sete dias passando por Ilhéus, Salvador e Maceió, antes de retornarem ao Rio. Ontem, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) recomendou a suspensão da temporada de cruzeiros no país.

A MSC Cruzeiros informou ontem que "todos estão assintomáticos ou com sintomas leves" e foram testados. Segundo a empresa, "os casos confirmados são desembarcados de forma segura para que retornem para casa ou fiquem em hotéis para o período de isolamento". O Centro de Informação Estratégica em Vigilância em Saúde do município vai monitorar os casos em residentes na cidade. Por volta das 13h30, os passageiros começaram a deixar o navio.

Mais cedo, o clima chegou a ficar tenso no cruzeiro. Dois casais conseguiram sair antes da autorização da MSC. A Polícia Federal chegou a ser acionada para "acompanhar a situação", às 11h20, já que outros passageiros também tentaram deixar a embarcação. Pouco depois, seguranças particulares foram colocados em frente ao navio.

IRRITAÇÃO A BORDO

Muitos passageiros ficaram irritados com a demora. O farmacêutico Fábio Carrilho conta que quem estava dentro do navio temia ter que ficar de quarentena no local. Ele disse que um áudio passado na embarcação orientou os passageiros a se isolarem em casa:

FABIO ROSSI

Fila para novo tour. Mesmo com casos de Covid a bordo, passageiros aguardavam embarque para viagem de sete dias

— Não ficamos sabendo de nada (sobre desembarcar ou não), era só boato. No fim, eles passaram um áudio, atribuído à Vigilância Sanitária, dizendo que era para a gente ir para casa e ficar isolado e que quem tiver algum sintoma é para procurar um posto de saúde.

O bombeiro militar Orlando Frade, de Belém do Pará, lembrou que muitas pessoas estavam desesperadas porque perderam os voos para suas cidades. Ele diz que, após o diagnóstico dos casos, todos a bordo passaram a fazer testagens rotineiramente:

— Eu nunca fiz tanto exame na minha vida para sair dele (do navio). Essas horas que passamos lá foram terríveis, porque muita gente não mora no Estado do Rio e precisa voltar para seus estados de origem. Uma moça estava desesperada porque perdeu uma passagem de R$ 4 mil e teria que comprar outra. Graças a Deus, a minha viagem é para a noite, para Belém do Pará, mas muitas pessoas perderam seus embarques.

A detecção da doença foi feita no sábado. A MSC Cruzeiros disse que houve testagem diária de 10% dos tripulantes e hóspedes, e que o número de pessoas contaminadas representou 0,89% do total da população a bordo — cerca de 3,3 mil pessoas. Segundo a empresa, foi seguido o protocolo de que "todos os hóspedes com 12 anos ou mais apresentem comprovante de vacinação completa contra a Covid-19 e todos os hóspedes a partir de 2 anos apresentem teste do tipo RT-PCR negativo feito até 72 horas ou teste de antígeno feito até 24 horas antes do embarque".

Às 15h55, quando todos já tinham deixado o navio, a organização do cruzeiro liberou o Armazém 5 para os novos passageiros despacharem suas malas. A fila de embarque chegava a quase um quilômetro no Boulevard Olímpico, na Zona Portuária. Um dos hóspedes à espera do momento de entrar no navio era a gaúcha Fernanda Oliveira Kuhn, que viajava com sua mãe e cujo horário de embarque estava marcado para as 11h.

— A explicação que nos deram é que a demora estava acontecendo por causa da Anvisa, porque eles estavam testando todo mundo a bordo. Com a desinfecção e essa testagem prévia, fico mais tranquila para viajar. Até porque tem resorts, hotéis, festas e shows que a gente sabe que não estão cumprindo nenhum protocolo. E uma viagem de cruzeiro é algo muito programado, né? — comentou a agente de viagens.

SUSPENSÃO DA TEMPORADA

Todos os cinco cruzeiros marítimos que estão em operação na costa brasileira têm casos confirmados de Covid-19, segundo nota técnica da Anvisa. Especialistas afirmam que, diante do cenário e da disseminação da variante Ômicron, o ideal seria suspender a temporada, como quer a agência.

— Parece fazer total sentido interromper os cruzeiros, que são ambientes propícios para a disseminação de uma variante que sabemos ser muito mais transmissível — diz Chrystina Barros, integrante do Grupo técnico de Enfrentamento à Covid-19 da UFRJ.

O infectologista Renato Kfouri, diretor da Sociedade Brasileira de Imunizações (Sbim), relembra que é possível minimizar o risco, mas não eliminá-lo.

— Navios são locais perfeitos para a disseminação de doença. São pessoas de vários locais diferentes que ficam confinadas por muito tempo, sem distanciamento. Claro que, diminuindo a ocupação e exigindo teste negativo para Covid-19 e comprovante de vacinação, o risco é reduzido, mas ele sempre vai existir.

Em Santos, infectados ficaram isolados no navio e sem informações

SANTOS

Enquanto parte dos passageiros do Splendida, navio da MSC Cruzeiros que seguia pelo litoral brasileiro, com saída de Santos e promessa de réveillon em Copacabana, se divertia e se aglomerava na piscina, bares e cassino a bordo, um cenário de caos se desenrolava silenciosamente em outros setores da embarcação, onde estavam passageiros isolados pelo surto de Covid-19 no cruzeiro. O relato, com direito a homens com trajes de roupa "de astronauta" circulando pelos corredores, passageiros sendo jogados em cabines não higienizadas e recém-liberadas por outros isolados, alto-falantes e telefone desligados, e funcionários que não divulgavam protocolos claros nem informações, é da secretária aposentada Viviane Cardoso, de 59 anos.

Segundo a Anvisa, 51 tripulantes e 27 passageiros testaram positivo para a Covid-19 no navio. Apesar de o embarque ter sido autorizado ontem à tarde, de acordo com a Globonews, a entrada de novos passageiros foi suspensa no início da noite.

Viviane viajou com a filha Vitória, de 16 anos, em uma cabine. Em outra, estavam o filho, de 30, e a nora, de 29. Ela conta que só conseguiu passar a virada do ano fora do navio saindo "por conta própria", no início da noite de 31 de dezembro:

— Por muito pouco não passei a virada ali, naquela cabine pequena, com minha filha — conta a aposentada. — Ficamos abandonados. E ninguém me dava nenhuma informação sobre meu filho, o que eu sabia era por telefone, dele dentro da cabine, também sem informações de fora. Nenhum médico ia à cabine deles, e teoricamente minha nora estava contaminada.

Viviane também reclama do desleixo com as refeições oferecidas — poucas e sem regularidade — e a falta de limpeza das cabines, onde roupa de cama e toalhas não eram trocadas, e o lixo se acumulava.

— Se estou confinada, quero pelo menos ter o conforto que eu teria se estivesse circulando pelo navio. Mas nem água traziam. Se a gente reclamasse, aí eram cinco horas sem receber nada — afirma ela.

A MSC Cruzeiros informou, sobre os passageiros que testaram positivo, ter isolado "imediatamente estas pessoas e seus contatos próximos em uma seção dedicada e separada do navio, longe de todos os outros passageiros e em cabines com varanda". A empresa disse ter oferecido aos hóspedes uma carta de crédito no valor do cruzeiro original ou o reembolso dos valores pagos.

CLIMATEMPO

Lei Henry Borel reúne quase 600 mil assinaturas

Abaixo-assinado pede a aprovação do projeto que aumenta a punição para os crimes que têm como autores padrastos ou madrastas da vítima. Pai do menino, que lidera o movimento, quer chegar a um milhão de apoios

PAOLLA SERRA
paolla.serra@infoglobo.com.br

Uma campanha criada por Leniel Borel, pai do menino Henry Borel, com o objetivo de aumentar a punição para assassinatos de crianças quando cometidos por madrastas ou padrastos já conta com 585 mil assinaturas. A meta é atingir 1 milhão de nomes em apoio. Henry morreu aos 4 anos, em março de 2021.

O abaixo-assinado virtual pede a aprovação do Projeto de Lei 1386/2021, que agrava de um terço a até metade a pena para os crimes que têm como autores padrastos ou madrastas da vítima. A iniciativa ficou conhecida como Lei Henry Borel.

— Mais de nove meses se passaram desde o brutal assassinato do meu filho. Em sua memória, tenho lutado por melhorias nas condições de segurança de outras crianças que, assim como ele, possam estar expostas à violência em seus lares, com a aprovação e implementação desta lei — argumenta Leniel, que recolhe as assinaturas no site change.org.

O projeto foi aprovado na Câmara dos Deputados, em Brasília, e, atualmente, encontra-se no Senado Federal, aguardando parecer.

— O projeto inicial cresceu, tornou-se ainda mais abrangente. Meu desejo é que, antes de completar um ano da morte do meu filho, antes da próxima audiência onde serão ouvidos dois monstros, possamos fazer essa justa homenagem a ele, para que todos saibam que não foi em vão. Ajude-nos a atingir nossa meta de 1 milhão — pede o pai de Henry.

Em março de 2021, o Congresso aprovou o regime de urgência para o projeto de Lei 4626/20, do deputado federal Hélio Lopes (PSL-RJ), que também aparece como autor do Projeto de Lei 1386/2021. A PL muda o parágrafo 8 do artigo 121 do Decreto-Lei nº 2.848 do Código Penal Brasileiro e determina que a pena para crimes contra menores de 14 anos seja aumentada de 4 a 12 anos para 8 a 14 anos se as ações resultarem em morte. O texto também agrava a pena atual para abandono de incapaz, que é de seis meses a três anos de detenção, passando para dois a cinco anos de reclusão. Se o abandono resultar em lesão corporal grave, a pena passa a ser de três a sete anos.

Monique Medeiros da Costa e Silva, mãe de Henry, e o namorado, o médico e ex-vereador Jairo Souza Santos Júnior, o Dr. Jairinho, foram indiciados e apontados pela polícia como responsáveis pelo homicídio duplamente qualificado da criança. Eles estão presos desde 8 de abril de 2021.

Startup estimula o surgimento de jovens escritores nas escolas

Projeto SuperAutor publica, sem custo, livros de crianças e adolescentes

DIEGO AMORIM
diego.amorim@infoglobo.com.br

Empreender em educação é transformar vidas. No caso do projeto SuperAutor, são milhares de jovens envolvidos numa iniciativa ligada ao amor pela escrita. Há dois anos, a startup estabelece parcerias gratuitas com escolas públicas e particulares para que alunos criem histórias próprias, depois transformadas em livros, sem custo algum. No fim de cada ano, é organizada uma noite de autógrafos. Nela, as obras são apresentadas e vendidas às famílias.

O projeto investe no estímulo à literatura para desenvolver a imaginação e despertar a criatividade das crianças.

— O projeto surge para causar um impacto real na vida dos jovens ao mudar sua experiência de letramento. Eu fui pouco influenciado a ler, sempre subestimei a importância disso. Só depois dos 30 anos que eu criei esse hábito. Mudar o relacionamento das crianças com a leitura e a escrita é fundamental para ajudá-las a não cometer o mesmo erro que eu cometi — afirma o cofundador e CEO do SuperAutor, Pedro Gigante, de 35 anos.

Em 2021, a iniciativa somou 80 mil livros, 100 mil autores e cerca de 2 mil escolas parceiras em todo o país. No Rio, foram 52 mil exemplares e 21,8 mil alunos e 258 instituições beneficiadas. Para Gigante, a criação do primeiro livro de uma criança impacta em seu futuro e gera protagonismo infantil.

— Uma criança protagonista de seu processo de ensino e aprendizagem tem muito mais autoestima para entender que, por meio da educação, é possível alcançar seus sonhos e objetivos. Protagonismo e autoestima são habilidades que podem ajudá-la a decidir e a guiar o seu futuro — avalia Pedro Gigante.

FAMÍLIAS ENVOLVIDAS

A pequena Enezel Mello, de 9 anos, estuda no Colégio Pluz, em Niterói, e não esconde o orgulho de sua obra: "Florilda, a Fada".

— Nunca achei que poderia me tornar uma escritora, meu livro ficou incrível! — conta a menina, que revela um pouco da história criada por ela. — Eu apresento essa fadinha que tem varinhas e que leva ao mundo muito amor e carinho com a ajuda dos seus instrumentos mágicos.

A mãe de Enezel, Fernanda Mello, conta que escrever um livro era um sonho da menina. Agora, mãe de escritora, ela quer preservar esse prazer na filha:

— Ele ficou ótimo e será guardado para sempre por todos nós em casa.

O envolvimento das famílias é grande. São os responsáveis que escrevem a biografia do autor e escolhem uma foto para ser registrada no livro.

— Temos casos em que o livro escrito e ilustrado pela criança foi o primeiro adquirido pela família. Faz ideia do impacto que isso tem na vida deles? Olha o quanto de incentivo existe nesse projeto para o hábito da leitura e os seus benefícios — destaca o CEO do projeto.

Por conta da pandemia, o SuperAutor lançou uma plataforma on-line onde pais e alunos podem construir o livro sem sair de casa. Agora, na volta às salas de aula, é esperado que a iniciativa contribua no rendimento escolar dos jovens envolvidos.

DIVULGAÇÃO

Autora. A pequena Enezel Mello, de 9 anos, mostra seu livro "Florilda, a Fada"

Leitores

O NA WEB

ACERVO
Cruzada São Sebastião
Conjunto habitacional entre Leblon e Ipanema foi inaugurado há 65 anos

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

MENSAGENS CARTAS@OGLOBO.COM.BR

As cartas, contendo telefone e endereço do autor, devem ser dirigidas à seção Leitores. O GLOBO, Rua Marquês de Pombal 25, CEP 20.230-240. Pelo fax, 2534-5535 ou pelo e-mail cartas@oglobo.com.br

Grito do Ipiranga nº 2

Nem um nem o outro nem um terceiro dentre os que sempre estiveram com o que até aqui chegamos. Duzentos anos depois, um novo grito do Ipiranga: um partido fundamentado e fiel ao ideário do visceral artigo de Modesto Carvalhosa (“O fundo eleitoral e a reforma política”, 1º de janeiro). Ou, então, “o horror, o horror”, do Coronel Kurtz (“Apocalipse now”, 1979). Simples assim.

JACOB B. GOLDEMBERG
RIO

Luto postergado

Devido à falta de empatia diante de tragédias que ocorreram nestes últimos três anos e que não sensibilizaram o inquilino do Planalto, sugiro que o próximo presidente faça um dia de luto oficial como desagravo e homenagem póstuma a todos os anônimos e famosos das diversas áreas de atuação que contribuíram para o engrandecimento deste país.

FÁBIO FIGUEIREDO
RIO

Psicopatia

Recortei e guardei o artigo de Dorrit Harazim de domingo (“Quanta dor”, 2 de janeiro). Ela mostrou como, apesar da insanidade da guerra, as pessoas ainda podem guardar algum nível de lucidez. Só discordei quando Dorrit disse que o desprezo que Bolsonaro ostenta pela dor das pessoas é mania. Acho que é pior. É psicopatia.

MARIÚZA PERALVA
NITERÓI, RJ

Afinidades

Parabéns, Ruth de Aquino, pelo texto que eu gostaria de ter escrito (“O réveillon da lua minguante”, 31 de dezembro). Sabe quando ouvimos uma música e bate aquela sensação de que ela é sua, ou pra você? Foi o que senti ao ler seu artigo. Descobri ainda que você é capricorniana. Você, do primeiro decanato; e eu, do terceiro. Mais uma sintonia. Em 2021, eu e a minha “A árvore que fugiu do quintal” comemoramos 40 anos de estrada literária. Vivemos em tenebrosos tempos do “passa a boiada”, entre outros crimes ecológicos praticados pelo desgoverno do psicopata genocida. O melhor presente do mundo que merece de fato ser comemorado será o fim do desgoverno, um xô definitivo no clã, na corja que o cerca. Desejo a todos um ano sem doença, sem violência, sem... sem... sem...

ÁLVARO OTTONI
RIO

PMs pedintes

Reportagem mostra que PMs pedem dinheiro, entradas para shows e fazem contato direto com chefes de milícias. Essa é a guarda que nos protege. E o alto-comando o que faz? Policiais só andam em carros caros, e ninguém percebe. O que faz a PM, que em todas as operações mata inocentes e crianças, só pegando bandidos quando esses matam alguém da corporação? Uma coisa fazem bem: estão sempre atentos a seus celulares.

LUIZ CARLOS MACEDO
RIO

Cabeça de porco

Mais uma vez o réveillon foi de paz, digamos assim, no Rio e em Niterói, ironicamente por causa do flagelo chamado coronavírus, que conseguiu frear a cobiça politiqueira, a baderna, a incivilidade ampla, geral e irrestrita que assolam as cidades todos os anos nessa época. Porém, nota-se que os baderneiros aceitaram o convite dos prefeitos da Região dos Lagos, ávidos por gordos faturamentos para as suas cidades, e para lá se deslocaram. Mais de dois milhões de pessoas empestearam Cabo Frio, Búzios, Arraial do Cabo, que foram palco de tiros, brigas, confusão, caos. No Geribá Tennis Park, que pertence à família do prefeito de Búzios, houve esfaqueamento de várias pessoas durante confusão numa festa. A PM confirma os “desentendimentos”, mas a Polícia Civil negacionista fez cara de paisagem, disse que não há registro de BO a respeito. Há anos já se previa a extinção da Região dos Lagos, transformada em cabeça de porco, narcobalneário cercado de milícias por todos os lados. Só não se esperava que o fim fosse tão rápido.

ANTONIO FARIAS
NITERÓI, RJ

Sob vista grossa

Muito pertinente a questão posta pela leitora Teresa Bahadian Moreira (“Onde está o síndico?”, 2 de janeiro). O tráfico de pássaros nas ruas do Rio é um fato. Os “produtos” são exibidos em portarias, barracas, botecos, oficinas e outros pontos de comércio, sob vista grossa de agentes que teriam obrigação de zelar pela saúde ambiental — nesse grupo incluídos gestores de condomínios. Outro ponto é o desperdício de água. A mangueira é usada para fazer o que uma boa varrida resolveria muito bem, sem desperdiçar recursos naturais nem pôr em risco a segurança do pedestre. “Onde está o síndico?” é boa pergunta.

PATRICIA PORTO DA SILVA
RIO

Som de festas

A carta de Juca Serrado (“Rave do Nacional”, 2 de janeiro) tem eco também entre os moradores do condomínio Selva de Pedra, no Leblon, e adjacências, que sofrem com as mesmas consequências do entorno do Hotel Nacional. Aqui os vários espaços alugados pelo Jockey Club e pelo Flamengo geram igual problema. Senhores responsáveis por tais transtornos, a quem podemos recorrer, já que fiscalização não existe?

GILSON DE PAULA
RIO

Como morador de São Conrado, vi durante os últimos anos, com muita tristeza, o Hotel Nacional apagado, silencioso, uma escultura totalmente sem vida. Neste réveillon, os quartos iluminados, a cascata e os fogos brilhando, o som da festa que durou até a manhã do primeiro dia de 2022, fiquei contente, pois eram turistas se divertindo, empregos sendo gerados e impostos entrando nos cofres da cidade. Vida longa ao Nacional.

ALBERTO A. COHEN
RIO

Lya Luft

Foi com muita tristeza que tomei conhecimento do falecimento de Lya Luft. A escritora possuía bagagem literária inconfundível, com diversos livros publicados, todos com muito sucesso junto aos seus leitores. Dediquei grande parte da minha vida profissional à área acadêmica e pude acompanhar Lya Luft tornar-se numa escritora e tradutora famosa. O Brasil perdeu grande talento, mas Deus recebeu uma alma fraterna e misericordiosa.

PAULO FERNANDES BOUÇAS
RIO

HÁ 50 ANOS

Nixon nega possível reinício de diálogo com Fidel
3/1/1972

Nixon: Só haverá mudança se Cuba não exportar revolução

Paquistão encampa indústrias

Cr$ 14,1 bilhões em títulos negociados na Bôlsa do Rio

O GLOBO

Ordem ao volta, mortes nas ruas e afogamentos

Política para as cidades

Edição Final

O presidente Richard Nixon disse ontem durante entrevista à televisão americana que não haverá uma distensão nas relações entre os EUA e Cuba a menos que Fidel Castro abandone sua política de exportar a revolução para a América Latina. Nixon afirmou que não há termos de comparação entre a sua viagem à China Comunista e possível reinício de diálogo com Fidel: “Os governantes chineses indicaram seu desejo de pelo menos falar de suas divergências com com os EUA, já Cuba está comprometida num programa de constante beligerância contra nosso país”.

Mundo

NA WEB
ADEPTA DO QANON
Twitter bane deputada conspiracionista
Republicana violou norma da rede que proíbe publicação de mentiras sobre a Covid-19

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

DESAFIO PARA PREFEITA

Exemplo internacional, sistema de transporte de Bogotá enfrenta crise

IVAN MARTÍNEZ-VARGAS
ivan.martinezvargas@edglobo.com.br
BOGOTÁ E SÃO PAULO

MAURICIO MORENO/EL TIEMPO/24-8-2020

Déficit. Passageiros descem do BRT Transmilenio durante protestos que pararam o trânsito em Bogotá em 2020; pagamento por tarifa, deficitário, acaba levando à superlotação do sistema

Eleita com uma plataforma de governo progressista, a atual prefeita de Bogotá, Claudia López, chega à metade do seu mandato neste janeiro tendo como um de seus maiores desafios a crise atual do sistema de mobilidade da metrópole. Primeira mulher eleita para governar a capital da Colômbia, López enfrenta na prefeitura a oposição dos grupos políticos do atual presidente, o conservador Iván Duque, e de Gustavo Petro, candidato de esquerda favorito em todas as pesquisas para a eleição presidencial de maio.

No centro dos problemas de mobilidade na cidade de aproximadamente 7,5 milhões de habitantes está a crise do Transmilenio, famoso sistema de BRT (bus rapid transport) inaugurado em 2000 pelo então prefeito Enrique Peñalosa. O sistema é o eixo principal do transporte público local e ficou famoso internacionalmente por ter mudado a organização urbanística de Bogotá, com suas estações e ônibus articulados organizados em corredores exclusivos. Nos últimos anos, contudo, tem perdido passageiros e é mal avaliado pela população. O quadro se agravou na pandemia.

NÓ DO FINANCIAMENTO

Originalmente inspirado no BRT de Curitiba implementado por Jaime Lerner, o Transmilenio foi ampliado sucessivas vezes para dar conta de uma demanda crescente. Hoje, no entanto, seus usuários reclamam de ônibus lotados e têm buscado cada vez mais alternativas de transporte individual. Em 2016, eram 102 milhões de passagens vendidas por mês. Quando López assumiu, o patamar era de 87 milhões. Em outubro deste ano, foram 77,5 milhões.

O sistema tem um déficit bilionário causado, segundo seus dirigentes, pela diferença entre a arrecadação com o valor da tarifa e o custo para manter e ampliar a estrutura do sistema público. As passagens hoje custam de 2.300 a 2.500 pesos colombianos (R$ 3,27 a R$ 3,55). O rombo estimado neste ano no sistema chega a R$ 3,28 bilhões, atribuído pelo poder público principalmente à queda de demanda acentuada durante as duas primeiras ondas da pandemia. O déficit, no entanto, é histórico, e já vem em rota de piora ano a ano antes da pandemia.

Para salvar o Transmilenio, López passou a injetar mais recursos da prefeitura no sistema, inclusive com o aumento do endividamento, o que lhe rende críticas de economistas e urbanistas. Prestes a chegar à metade de seu mandato, a prefeita tem níveis de popularidade em queda, mas ainda elevados, de cerca de 40%.

Em defesa da gestão atual, o subgerente técnico do Transmilenio, Nicolás Correal, afirma que a queda de usuários antes da pandemia foi causada pelo crescimento econômico do país e que o sistema deverá melhorar com a entrada em serviço de cerca de 1.200 ônibus e a reforma de 22 estações.

ATRASO DO METRÔ

O arquiteto Mario Noriega, ex-professor da Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, é um dos principais críticos do modelo atual de transporte público de Bogotá. Para o colombiano, o BRT da cidade "deixou de ser uma escolha racional de modal e passou a ser uma religião" dos prefeitos da cidade e não atende mais à população.

— O Transmilenio surgiu a partir de recomendações de estudos da agência de cooperação do Japão com urbanistas colombianos e sempre previu mais soluções de longo prazo além do BRT, como a construção de uma linha de metrô que estaria pronta entre 2015 e 2020 e desafogaria a demanda em áreas mais densas — diz.

> Projeto original previa metrô até 2020, anel viário e coordenação com cidades vizinhas

Os especialistas previam ainda a construção de uma espécie de anel viário para mitigar engarrafamentos e tirar caminhões do centro da cidade, além de sugerir que a política pública de transporte fosse feita de maneira regional, em conjunto com outras cidades da região metropolitana.

— A ideia do Transmilenio era boa inicialmente porque os ônibus são baratos e não requerem grandes intervenções de infraestrutura, mas já não eram suficientes sozinhos desde o início, lotam rapidamente e o sistema se satura com muita rapidez. Bogotá é a nona cidade com maior densidade populacional no mundo, precisa de um sistema de trilhos, mas os prefeitos mantiveram a decisão de investir só em mais ônibus — ressalta Noriega.

Peñalosa, que foi um crítico da ideia da construção do metrô em sua primeira gestão, levou a cabo o projeto de uma linha em seu segundo governo à frente da cidade, entre 2016 e 2019. A linha, no entanto, só começou a ser construída em agosto deste ano, já na gestão de Claudia López. Será um metrô de superfície com início de operação comercial previsto apenas para 2028.

Para Noriega, a linha chega tarde e deveria ser subterrânea.

— Os prefeitos em Bogotá têm obsessão por obras, mas sem entender as implicações técnicas delas. A linha de metrô tem um desenho que coincide com uma das rotas troncais do Transmilenio e será um trem de superfície que passará por uma região já degradada do Centro, agravando problemas urbanísticos — afirma.

A urbanista Raquel Rolnik, professora da USP, diz que embora o Transmilenio tenha provocado uma transformação urbanística que mudou o modo de circular na cidade de maneira mais organizada, o ideal é que os sistemas integrem diferentes modais.

A escolha do modal depende da densidade de fluxo de passageiros por hora. Um corredor de ônibus tem capacidade maior do que um ônibus, e um veículo leve sobre trilhos, mais que ambos. O metrô subterrâneo é o que tem maior capacidade.

— Um modal não elimina o outro, os bons sistemas de mobilidade são multimodais, têm veículos em trilhos nos eixos de maior circulação, ônibus nos de menor, e incentivo também ao uso da bicicleta — afirma a urbanista.

O PROBLEMA DA TARIFA

Já na questão do financiamento, Rolnik critica o modelo baseado em receita de tarifas, também vigente no Brasil.

— Esse modelo não tem parado em pé. Para que o concessionário seja remunerado pela tarifa, tem de ter uma forma de prestar o serviço que necessariamente vai gerar ônibus superlotados. Esse desenho carrega em si a não qualidade e a não eficiência do transporte — diz.

Ela defende o financiamento por meio de fundos públicos cuja arrecadação seja atrelada a impostos sobre carros de passeio, por exemplo.

Q

"A ideia era boa porque os ônibus são baratos e não requerem grandes intervenções de infraestrutura, mas eles já não eram suficientes sozinhos desde o início"

Mario Noriega, arquiteto colombiano

"Remuneração pela tarifa traz ineficiência"

Raquel Rolnik, urbanista brasileira

Extensão da rede supera as brasileiras

> O presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil em São Paulo, Fernando Tulio, diz que o BRT de Bogotá se destaca por ter uma extensão de rede que supera as de grandes cidades brasileiras.

— A extensão costuma ser aquém da demanda, mas a cobertura em Bogotá é maior do que a de capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo — diz.

> A organização do sistema, chamada troncalização, também representou um avanço em relação ao modelo de transporte desorganizado de outras metrópoles latino-americanas, segundo o especialista.

> No sistema de Bogotá, a organização se assemelha a uma árvore. A espinha dorsal é formada pelos eixos troncais, grandes corredores exclusivos para ônibus nas avenidas principais. Nesses locais, os ônibus são articulados, de maior capacidade. A cobrança é sempre feita em estações, e não nos ônibus.

> Dos bairros aos eixos troncais, há as chamadas rotas alimentadoras, também organizadas em corredores de ônibus, operadas por ônibus regulares. Completam o sistema, ainda, ônibus circulares de menor porte entre os bairros. O sistema é integrado.

> Tulio também afirma que o BRT é um sistema de média capacidade e que, em grandes cidades, é complementar a sistemas mais robustos, como o metrô.

— Para grandes metrópoles o ideal é ter sistemas de alta capacidade como trem e metrô. E a discussão de sistemas também deve ser em escala metropolitana, e não apenas dos municípios — pontua Tulio.

Itamaraty volta a bancar casas de cônsules-gerais

Todos os custos das residências, como cozinheiro, telefone e manutenção, passarão a ser pagos pelo Erário, com reversão de norma de 2015. Atualmente, apenas embaixadores usufruem desses benefícios

ANDRÉ DUCHIADE
andre.duchiade@oglobo.com.br

As casas de cônsules-gerais e outros cargos de chefia de diplomatas brasileiros no exterior voltarão a ser consideradas residências oficiais, o que havia deixado de ocorrer em 2015, anunciou o Itamaraty na semana passada, em uma circular interna à qual O GLOBO teve acesso.Como resultado, os custos das casas de dezenas de diplomatas, incluindo gastos como cozinheiro e manutenção, passarão a ser de encargo do Erário. Atualmente, apenas quem exerce o cargo de embaixador tem o benefício.

"A fim de garantir a representação necessária ao adequado desempenho das funções atreladas aos cargos de cônsul-geral, de chefe de escritório e de representante alterno, será reintroduzida, a partir do ano vindouro e de modo gradativo, a política de aluguel de residências oficiais para uso por parte dos ocupantes desses cargos de chefia", diz a nota.

"Despesas decorrentes da ocupação de residências oficiais, como energia elétrica, telefonia, seguro predial e segurança, serão custeadas pela administração, assim como os dispêndios com salários de ao menos dois auxiliares de apoio da residência (APR), de acordo com as necessidades", acrescenta a circular.

O Brasil atualmente tem 42 consulados gerais. Segundo o Itamaraty informou ao GLOBO, atualmente 53 pessoas ocupam os três cargos que vão desfrutar dos benefícios. O Itamaraty não informou o custo da medida, mas, somando todos os gastos, eles devem ficar na casa das dezenas de milhões de reais anualmente.

A norma retoma uma política vigente historicamente até 2015, quando foi anulada no primeiro ano do segundo mandato de Dilma Rousseff, em contexto de ajuste fiscal.

JUSTIFICATIVA OFICIAL

A justificativa oficial da medida é atender a uma necessidade de cônsules-gerais e outros diplomatas graduados, que usam suas casas para promover recepções e, portanto, representar o Brasil.

Segundo a assessoria do Itamaraty, "a medida assegurará mais adequado desempenho das funções de representação do Estado brasileiro pelas autoridades em apreço, além de possibilitar a hospedagem de autoridades brasileiras em visitas oficiais."

A medida é vista como especialmente útil em cidades importantes financeira e politicamente que não são capitais, como Frankfurt, San Francisco e Hong Kong. Outros países consideram a casa de seus cônsules-gerais residências oficiais, como é o caso de Portugal no Rio de Janeiro.

O Itamaraty, no entanto, não disse quanto custará a iniciativa, e limitou-se a responder que "os custos da medida serão paulatinamente absorvidos ao longo do exercício, à proporção que se forem concluindo os processos de locação dos imóveis onde ficarão instaladas essas residências oficiais".

Não sabe quantos funcionários cada residência oficial poderá contratar. Segundo o ministério, "os auxiliares de apoio das novas residências oficiais serão em princípio dois: um cozinheiro e outro contratado para executar serviços gerais. (...) Tais tarefas correspondem a serviços de limpeza, arrumação e copeiragem".

A expressão "em princípio" é ambígua, e receia-se que possa abrir margem para a contratação de funcionários para serviços como jardinagem e mordomia. Quanto aos custos dos funcionários, eles devem receber salários condizentes com as realidades locais, e serem contratados por meio de editais públicos. Os salários divulgados no Portal da Transparência variam muito, de cerca de R$ 3.800 reais mensais para uma copeira da residência oficial em Montevidéu a cerca de R$ 9.800 para quem exerce a mesma função em Roma.

REPERCUSSÃO INTERNA

Há ainda um custo oculto: como as responsabilidades administrativas de uma residência oficial tornam-se assunto de Estado, diplomatas menos graduados e oficiais de chancelaria devem passar a dedicar parte do tempo a resolver problemas das casas dos chefes.

No Itamaraty, especula-se que a medida possa beneficiar embaixadores que integraram o alto escalão do ex-chanceler Ernesto Araújo. A relação péssima de Ernesto com o Senado significa que a Casa pode barrar aliados do ex-chanceler durante sabatinas, como o fez com Fábio Marzano, indicado para a delegação em Genebra, em dezembro de 2020, e não aprovado. Atualmente Marzano é cônsul-geral em Paris.

O plenário do Senado também esperou quatro meses para votar a nomeação do ex-secretário-geral do MRE de Ernesto, Otávio Brandelli, para a Organização de Estados Americanos (OEA), a aprovando em novembro. Com a nova medida, outros nomes, como o próprio Ernesto e o seu antigo chefe de Gabinete, Pedro Wollny, não mais devem precisar passar pelo Senado para desfrutarem dos benefícios de uma residência oficial.

Premier renuncia no Sudão após morte de mais manifestantes

Vítimas fatais de repressão a protestos desde o golpe militar de outubro chegam a 56; Hamdok era acusado de proporcionar fachada a generais

AFP

Protestos consecutivos. Antes da renúncia, milhares de manifestantes voltaram às ruas de Cartum pedindo que os militares se afastem do governo sudanês

CARTUM

O primeiro-ministro do Sudão, Abdallah Hamdok, anunciou sua renúncia na noite de ontem, depois que dois manifestantes foram mortos na repressão a mais um protesto contra o golpe militar de outubro. O golpe impediu que os civis passassem a comandar o processo de transição para eleições lives no país do Norte da África, previstas para 2023.

Com as mortes de ontem, já são 56 os mortos pelas forças de segurança nas manifestações que ocorrem desde o golpe comandado pelo chefe das Forças Armadas, general Abdel Fattah al-Burhan, que assumiu o poder de fato no Sudão. O economista Hamdok chegou a ser afastado do governo em outubro e posto em prisão domiciliar, mas concordou em ser reempossado três semanas depois. As forças civis pró-democracia, porém, continuaram fora do Conselho Soberano de Transição, e acusavam o premier de proporcionar uma fachada aos generais para que o país não fosse alvo de sanções externas.

— Decidi devolver a responsabilidade e dar uma chance a outro homem ou mulher de ajudar este nobre país a passar pelo que restou do período de transição para um país civil democrático — disse Hamdok.

'SOLDADOS NO QUARTEL'

Ontem cedo, milhares de sudaneses caminharam em direção ao palácio presidencial em Cartum, enfrentando soldados armados e bombas de gás lacrimogêneo. A população respondeu ao apelo dos grupos pró-democracia para que protestasse "em memória dos mártires". Na última quinta, quatro manifestantes haviam sido mortos. A morte a tiros dos dois manifestantes ontem ocorreu em Ondurmã, metrópole vizinha a Cartum, segundo o Comitê de Médicos Sudaneses, que apoia os protestos.

Cartum está isolada há dias por contêineres instalados nas pontes sobre o Nilo que dão acesso à cidade. A internet e as redes de telefonia pararam de funcionar cedo ontem e, nas estradas, integrantes das forças de segurança — militares, policiais e paramilitares com metralhadoras — vigiavam os transeuntes. Mesmo assim, uma multidão marchou aos gritos de "os soldados no quartel" e "poder ao povo", enquanto jovens em motocicletas cruzavam o protesto para socorrer feridos, pois a passagem das ambulâncias é impedida.

Os ativistas pedem que 2022 seja "o ano da resistência", exigindo justiça para os manifestantes mortos desde o golpe e para os mais de 250 civis mortos durante a chamada "revolução" de 2019, quando a pressão popular obrigou o Exército a afastar o então ditador Omar al-Bashir, que ficou 30 anos no poder com apoio dos militares. Com a queda de Bashir, militares e forças pró-democracia acordaram um cronograma que previa a entrega do comando do Conselho de Transição aos civis em 2021. Esse acordo foi rompido em outubro pelo general Burhan.

Incêndio destrói Câmara da África do Sul

Suspeito por fogo no edifício histórico do Parlamento foi detido; chamas no recesso não deixaram vítimas

ELVOND JIYANE/GOVERNO SUL-AFRICANO VIA REUTERS

De madrugada. Bombeiros demoraram a controlar chamas no complexo

CIDADE DO CABO

Um grande incêndio que começou na madrugada de ontem na sede do Parlamento sul-africano, na Cidade do Cabo, destruiu as instalações da Assembleia Nacional, correspondente à Câmara dos Deputados. Não houve vítimas, já que o Legislativo está em recesso. Segundo a ministra de Infraestrutura, Patricia De Lille, um homem foi detido dentro do edifício ainda pela manhã.

— O homem, na casa de 50 anos, ainda está sendo interrogado. Estamos abrindo uma investigação criminal, e ele será levado à Justiça na terça-feira — complementou Thandi Mbambo, porta-voz da Hawks, unidade de elite da polícia.

A causa do fogo ainda não é conhecida, mas De Lille afirmou que uma simulação de incêndio rotineira foi feita pouco antes de o Parlamento fechar para os feriados de fim de ano, e tudo estava funcionando, incluindo os sprinklers.

— O que foi descoberto esta manhã é que alguém fechou uma das válvulas e, por isso, não havia água para acionar o sistema automático de sprinklers — disse a ministra.

O presidente Cyril Ramaphosa declarou a repórteres, depois de visitar o local, que o trabalho do Parlamento continuará, apesar das chamas. Ele também elogiou os bombeiros por salvarem "um bem nacional muito importante". Os prejuízos materiais foram grandes.

— A Assembleia Nacional ficou totalmente destruída pelas chamas — disse Moloto Mothapo, porta-voz do Parlamento.

DEMORA NO ALARME

O complexo legislativo sul-africano é composto por um conjunto de edifícios. A Assembleia Nacional está situada na chamada Ala Nova. O Senado, ou Conselho Nacional de Províncias, está na Ala Antiga. O fogo começou por volta de 5h (meia-noite em Brasília), na ala mais antiga do edifício, concluída em 1884, com salas forradas com madeira nobre, e se espalhou para o outro setor.

— O conjunto sofreu grandes estragos com a fumaça e a água — disse a repórteres Jean-Pierre Smith, chefe dos serviços de segurança e emergência da Cidade do Cabo. — O telhado do prédio que abrigava a Assembleia Nacional desabou, nada restou dele. Há rachaduras nas paredes — acrescentou.

Os primeiros indícios sugerem que o fogo tenha começado nos escritórios, antes de se espalhar para outras áreas. Uma equipe de 30 bombeiros foi a primeira a chegar ao local e teve que chamar reforços devido à intensidade do fogo, aumentando a equipe para cerca de 80 homens. Os alarmes só teriam tocado depois que os bombeiros já estavam no Parlamento. Pela manhã, uma espessa coluna de fumaça era visível a quilômetros de distância na cidade.

Foi no enorme edifício vitoriano de tijolos vermelhos e fachada branca que o último presidente da era do apartheid, Frederik de Klerk, anunciou em fevereiro de 1990 o fim do regime de segregação racial no país.

CORREÇÃO

Por erro da redação, a ambientalista Céline Cousteau, que neste mês participa da Rio Innovation Week, foi chamada equivocadamente de "Janine Cousteau" no alto da entrevista publicada ontem na página 17.

Esportes

NA WEB
MERCADO DA BOLA
Cavani mais longe do Corinthians
Técnico Ralf Rangnick, do Manchester United, descartou perder uruguaio nesta janela

PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

RODRIGO CAPELO

Twitter: @rodrigocapelo

Sou vascaíno

Eu tinha oito anos de idade, quando ganhei, do meu pai, uma edição especial da revista Placar. Era um guia do Brasileirão de 1998. A capa tinha fotos dos destaques de cada time. A intenção dele era, provavelmente, reforçar minha ligação com o futebol e com o São Paulo — para o qual ele pretendia que eu torcesse. Com Raí na capa, ele imaginava, ficaria fácil.

Não tínhamos o costume, em casa, de assistir a jogos pela televisão. Meu contato dependia mais desses presentes. Revistas, livros. E esse guia, li de ponta a ponta várias vezes. Até hoje lembro que França era elogiado pelo "faro de gol". Dodô era talentoso, mas "sonolento".

É difícil assegurar a razão, mas minha primeira decisão foi contrariar meu pai. Eu não queria torcer para o São Paulo. Talvez tenha sido a pouca proximidade. Ele havia se divorciado da minha mãe. Causei desgosto quando anunciei, para a família, que não seria são-paulino.

A revista teve influência na escolha. O Vasco tinha acabado de ser campeão. Carlos Germano, Mauro Galvão, Juninho Pernambucano, Pedrinho, Edmundo. Felipe estava na capa. Curti tudo o que li sobre o clube. Meu pai cederia, eventualmente. Ele me deu a primeira camisa, preta com faixa diagonal branca, e uma toalha de secar com a cruz de malta. Usei ambas por anos.

Nasci e vivi na capital paulista a vida inteira, então minha experiência de torcedor não tem lembrança de São Januário. Nunca vi um jogo do Vasco lá. Mas estive no Morumbi várias vezes, durante infância e adolescência, para assistir aos confrontos com o São Paulo. Íamos de carro, ouvindo o pré-jogo na rádio. Parávamos várias ruas acima e descíamos conversando.

Nosso primeiro jogo deve ter sido uma vitória do Vasco, em 1999. Não lembro de quase nada; só que Carlos Germano e Mauro Galvão estavam em campo. Noutra vez, Hélton voou para defender o gol, e meu pai disse, impressionado: "parece um gato!" Admito que vi mais derrotas.

> ***Esta jornada será mais fácil se começar com transparência, discurso realista e muito trabalho. Esperança, temos de sobra***

Acostumei-me a torcer de jeito tímido na arquibancada, desde o começo. Comemorava gols do Vasco em silêncio, para não complicar meu pai. Ficava quieto, sentado, enquanto todo mundo pulava para festejar um gol tricolor. É difícil a vida do torcedor infiltrado.

Minha relação com o futebol foi mudando ao longo dos anos. Fiquei triste com o rebaixamento em 2008 e doeu ver o choro do Pedrinho. Me animei com a boa fase em 2011. A dedicação de Juninho e Felipe, ambos próximos da aposentadoria, era bonita de ver. Sinto pelo gol que Diego Souza não fez na Libertadores em 2012. Mas devo dizer que nunca fui fanático.

Como jornalista, mudou de vez. Quando você visita os porões dos clubes, fica difícil torcer ingenuamente. O Vasco tem história belíssima, porém não posso dizer que me identifico com as pessoas que mandaram nele nas últimas décadas. Não reclamo. Talvez esse distanciamento me beneficie na profissão. Posso errar por razões diversas, mas clubismo não é uma delas.

Compreendo que colegas não queiram abrir preferências, por receio dos riscos. No meu caso, quero estabelecer uma relação de confiança com o público. Transparência é deixar que as pessoas saibam quem você é, ainda que certas características possam desagradar.

Lamento dizer aos vascaínos que não colocou o clube acima do trabalho. E espero que outros não deixem de confiar no que faço. O Vasco faz parte da minha vida por escolha, não por obrigação. O Vasco ajudou a construir a relação com meu pai. Eu torço para o Vasco.

Executivos do futebol se antecipam à lei em busca de profissionalização

Projeto, que aguarda aprovação no Senado, exige formação acadêmica em dois cursos diferentes para exercer o cargo

ATHOS MOURA
athos.moura@oglobo.com.br

CESAR GRECO/PALMEIRAS/DIVULGAÇÃO

Exigência. Alexandre Mattos se formou na primeira turma da CBF Academy e hoje dá aulas na instituição

A Câmara dos Deputados aprovou recentemente o projeto de lei que quer profissionalizar o cargo de executivo de futebol. De acordo com o texto, todo profissional que atuar no cargo terá que ter formação acadêmica. Para se tornar lei, o Senado precisa aprovar a proposta e, em seguida, o presidente sancioná-la. Mas há muitos executivos que se anteciparam à proposta e já buscam se profissionalizar por si.

O projeto prevê que o executivo tenha formação em dois cursos, um de Gestão de Futebol e outro de Formação de Executivo de Futebol. Segundo a CBF Academy, desde 2018, 3.209 pessoas se formaram nos cursos de gestão. Sendo que quase metade (1.469) concluíram a qualificação em 2021. A quantidade de cursos também cresceu: foram 41 no mesmo período, com 19 turmas finalizadas no ano passado.

De acordo com Michel Mattar, coordenador da CBF Academy, a pandemia teve influência no aumento da procura pelos cursos porque o portfólio dos cursos aumentou e ele foi digitalizado. Mas também contou que, com o passar dos anos, o curso foi aperfeiçoado, abrangendo diversas áreas, o que faz com que os alunos sejam ecléticos.

— Tem pessoas do mercado, outras em transição de carreira, jogadores que estão finalizando as atividades em campo e querem atuar como dirigentes e pessoas de outras áreas também — conta.

Mattar também reforçou que o curso de gestão é amplo, mas que há outros específicos por áreas, como montagem de comissão técnica e relações internacionais, por exemplo. Ele frisa que essa especialização também aumenta a quantidade de alunos.

FORTALECIMENTO

Cícero Souza, executivo do Palmeiras e também diretor da Associação Brasileira dos Executivos de Futebol (Abex), que hoje conta com 93 membros, afirmou que o projeto de lei contribui para o fortalecimento da profissão e que tem percebido que a categoria está receptiva à ideia. Ele lembrou que o executivo é visto como alguém que contrata jogadores, mas afirma que essa visão é superficial e que a função, apesar de ser extremamente importante, é apenas parte do trabalho.

— Existem muitos conhecimentos específicos sobre a condução do dia a dia de um departamento de futebol que precisam ser bem dominados a nível técnico, como por exemplo, a interação com a área de saúde e a análise de desempenho; os dispositivos protetores e formadores das categorias de base; o conhecimento sobre o registro e a logística para uma supervisão gabaritada; e fazer a interlocução com os outros departamentos como o Jurídico, o Marketing, a Comunicação e o Financeiro — elencou Cícero sobre o trabalho do executivo de futebol.

Alexandre Mattos se formou na primeira turma da CBF Academy e hoje dá aulas na instituição. Ele também concorda que a exigência de formação acadêmica favorece a profissão:

— Eu acho que a exigência tende a contribuir. É uma profissão muito importante, que ganhou muito espaço atualmente. É uma profissão que tem responsabilidade muito grande de gerir muitas pessoas, de gerir orçamento, de mexer com a paixão e cuidar da paixão — conta Mattos. — É a gestão daquilo que pessoas amam. Então eu acho que é sadio buscar essa obrigatoriedade de as pessoas terem esse pré-requisito definido, principalmente na área da capacitação acadêmica em si.

Liverpool e Chelsea empatam

FOTO: P. CZIBORRA/REUTERS

No duelo que valia a vice-liderança do Inglês, o Liverpool abriu vantagem de dois gols, mas o Chelsea arrancou o empate por 2 a 2, ontem, mantendo assim a segunda colocação. Em Londres, os visitantes saíram na frente, com Mané, aos 9 minutos, e Salah, aos 26. Mas os anfitriões chegaram ao empate antes do fim do primeiro tempo, com Kovacic e Pulisic. Com este resultado, o Chelsea manteve-se em segundo, com 43 pontos, um a mais que o Liverpool (3º), e 10 a menos que o líder, Manchester City. No Espanhol, uma falha de Éder Militão custou a derrota do Real Madrid para o Getafe por 1 a 0.

RODRIGO CAPELO
Por que me tornei vascaíno
PÁGINA 17

GESTÃO DO FUTEBOL
Executivos buscam se profissionalizar
PÁGINA 17

QUANTO VALE?

Quais critérios são utilizados para definir o preço de um clube de futebol

TATIANA FURTADO
tatiana.furtado@oglobo.com.br

Nas últimas semanas, o futebol brasileiro foi sacudido com as notícias das chegadas de investidores no Cruzeiro, que aderiu à Sociedade Anônima do Futebol (SAF), e Botafogo, que vive processo de transformação do seu futebol em empresa. Pelas primeiras informações, os investimentos que serão feitos por Ronaldo (no time mineiro) e pelo americano John Textor (no alvinegro) são da ordem de R$ 400 milhões ao longo dos anos por 90% do futebol. Mas tais cifras suscitaram a dúvida: como agremiações e investidores definem quanto custa um clube?

A conta está longe de ser simples. Primeiro por que a avaliação do valor de um clube pouco se assemelha com a de outras indústrias. As idiossincrasias do esporte não permitem cálculos certeiros ou modelos únicos. Mas é claro que há critérios objetivos que vêm sendo utilizados pelo mundo, como nas principais ligas europeias, que estão anos à frente do Brasil quando o assunto é clube-empresa.

O principal deles, segundo especialistas, é o chamado múltiplos de receita recorrente. Ou seja, quanto o clube arrecada descontados valores variáveis como vendas de jogadores e premiações, entre outros, multiplicado, em média, por dois — número aproximado dos clubes europeus das cinco principais ligas nas transações recentes de aquisições.

Numa conta muito simples, por exemplo, um clube com receita recorrente de R$ 200 milhões teria valor de mercado estimado em R$ 400 milhões.

VITOR SILVA/BOTAFOGO/28-11-2021

Acesso. Chay entra no Nilton Santos, na partida da entrega da taça da Série B ao Botafogo: divisão é um dos fatores que ajudam a definir o preço de um clube

GUSTAVO ALEIXO/CRUZEIRO/DIVULGAÇÃO/25-11-2021

Paixão. Cruzeirenses comparecem ao Mineirão na despedida do clube na temporada: tamanho da torcida importa

CADA DETALHE IMPORTA

Porém, não é apenas isso que entra em jogo. Cada detalhe do histórico do clube conta. Seja a divisão a que pertence no momento, o tamanho da torcida, a projeção de receitas futuras, valor de mercado dos atletas e de desempenho em campo, que determinam mais ou menos receitas diretas.

— Existem algumas métricas para cálculo de valor dos clubes que são largamente usadas em transações societárias, como por exemplo, o fluxo de caixa descontado. Também se considera no futebol a utilização de múltiplos de receita para fins de valoração. Ainda, devido às especificidades do futebol, algumas consultorias podem utilizar outros elementos — afirma Eduardo Carlezzo, especialista em direito desportivo e responsável pela constituição da SAF do Atlético-GO.

Nos casos de Cruzeiro e Botafogo, o valor das dívidas foram mais preponderantes do que o peso da receita em si. Levou-se mais em consideração a possibilidade de crescimento das duas marcas do que a valoração atual. O clube mineiro, por exemplo, teve receita total em 2021 de R$74 milhões. O alvinegro projetou para 2022 R$ 145 milhões.

— Os casos recentes de SAF (Cruzeiro e Botafogo) foram negociações pelo valor da dívida, pois os clubes certamente valem menos do que suas dívidas — diz o economista Cesar Grafietti, especialista em Banking e Gestão e Finanças do Esporte, que ressalta. — Ainda há muito incerteza sobre o que foi transferido para as SAFs, a responsabilidade de cada parte, como o investidor imagina ganhar dinheiro com os clubes...

NÃO HÁ CHEQUE ÚNICO

Nos exemplos de clubes muito endividados, como Botafogo e Cruzeiro, também há diferenças no momento da valoração. Afinal, há dívidas muito piores que outras. O clube mineiro tem valores expressivos de passivos de curto prazo, que o torna mais oneroso para o investidor. Há pagamentos urgentes, como a dívida com a Fifa que o impede de registrar jogadores desde junho deste ano e, futuramente, gerar mais fluxo de caixa. Atualmente, a soma está em R$ 15 milhões e será realizado um aporte inicial por parte de Ronaldo para que a situação seja destravada.

— Guardadas as devidas proporções, a diferença entre adquirir um clube com passivos de curto ou de longo prazo é como se fosse assumir uma dívida de cheque especial (juros muito altos e necessidade de pagamento imediato para não fazer crescer a dívida) ou um financiamento imobiliário a ser pago em anos, com um fluxo de dinheiro definido que cabe no orçamento — diz o executivo Pedro Daniel, da EY.

Qualquer que seja o modelo utilizado na precificação do clube, um fato é que não há um "cheque único" dado pelos investidores, como explica Pedro Daniel:

— As formas de aporte de dinheiro estarão bem definidas no acordo. Há algumas obrigações na SAF, como o concurso de credores (20% da receita tem de estar destinada ao pagamento dessas dívidas). Mas nenhum investidor vai colocar R$ 1 bilhão de uma vez. O aporte é feito ao longo do tempo.

NOS CLUBES

VASCO

Raniel chega ao Rio para exames médicos

O centroavante Raniel será anunciado ainda esta semana pelo Vasco. E quem deu os indícios foi o próprio jogador. Por meio de sua conta nas redes sociais, o atleta, de 25 anos, registrou o embarque rumo ao Rio de Janeiro; a expectativa é que ele dê início à realização dos exames médicos, último requisito ainda pendente para o anúncio do acordo.

Na véspera do Natal, o cruz-maltino acertou com o Santos as bases da contratação do reforço, e o jogador terá o salário dividido em 50% entre o clube paulista e o cruz-maltino. Ao longo de 2021, Raniel teve uma temporada complicada por conta de lesões. O centroavante fechou o ano com a participação em 19 jogos e apenas um gol marcado.

IVAN STORTI/SANTOS FC/27-11-2021

Perto da Colina. Raniel em treino pelo Santos

FLAMENGO

Clube conversa com goleiro Neto, do Barça

O Flamengo monitora o mercado de olho em possíveis reforços. E um de seus alvos vem de Barcelona. Mas não se trata de Philippe Coutinho, especulado no clube nos últimos dias. Quem está na mira dos rubro-negros é o goleiro Neto. Segundo o diário catalão "Sport", a diretoria carioca tem conversado com ele, que se mostrou animado.

Neto está insatisfeito com o baixo aproveitamento no Barcelona. Reserva de Ter Stegen, só atuou em 19 jogos desde que chegou ao clube catalão, na temporada 2019/2020. Já no Flamengo, Diego Alves sofre com seguidas lesões e apresenta dificuldades para ter sequência de jogos. A torcida, cada vez mais impaciente, vem pedindo chances a Hugo.

COPA SP

Botafogo estreia ante Aparecidense

O Botafogo estreia hoje na Copa São Paulo de Futebol Júnior contra o goiano Aparecidense, às 15h15 (SporTV e canal do Paulistão no Youtube transmitem). Dos inscritos, cinco não viajaram, pois estão no grupo principal do Estadual: o goleiro Igo Gabriel; o meia Juninho e os atacantes Rikelmi, Gabriel Conceição e Matheus Nascimento.

FLUMINENSE

Nino entra na mira do Atlético-MG

Enquanto aguarda uma definição sobre a proposta de empréstimo feita ao meia Nathan, do Atlético-MG, o Fluminense pode perder Nino justamente para o Galo. Com propostas da Europa para sua zaga titular (Junior Alonso e Nathan Silva), o clube mineiro está tentado a vendê-los e já mapeia peças de reposição. E uma delas é o zagueiro tricolor, valorizado após o ouro olímpico em Tóquio.

SC

Aposta para 2022. O longa protagonizado por Kristen Stewart, em atuação elogiada, é um dos filmes mais aguardados da temporada de estreias no início deste ano

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

ANA MARIA BAHIANA
Especial para O GLOBO
LOS ANGELES

'HÁ MUITO TEMPO PENSO EM DIANA, A PRINCESA TRISTE'

O DIRETOR PABLO LARRAÍN CONTA COMO CONCEBEU O FILME 'SPENCER', SUA VERSÃO DA HISTÓRIA DE LADY DI A PARTIR DE CONFLITOS COM O PRÍNCIPE CHARLES EM FESTA DE FIM DE ANO

"Spencer", longa que é uma das grandes expectativas do ano e teve a estreia adiada para 3 de fevereiro, começa como um filme de guerra, ou quase: veículos militares, fileiras de verdadeiras tropas uniformizadas, caixas enormes removidas dos carros blindados e com a precisão de uma manobra bélica. Há um duplo sentido na abertura do segundo filme da trilogia de mulheres ilustres de Pablo Larraín ("Jackie", de 2016, sobre Jacqueline Kennedy, foi o primeiro, e o terceiro ainda está em fase de especulações): um aceno à linguagem de filmes de ação, especialmente os do super-britânico James Bond, e um aviso ao espectador — aqui, neste lugar, nesta mansão de seis andares que se estende pelos verdes campos de Norfolk, na costa da Inglaterra, prepara-se uma batalha. De um lado, a legendária e irredutível família real; de outro, a princesa que, no fim das contas, não queria ser uma princesa.

— Jackie me inspirou e me deu um ponto de vista interessante: um período curto, intenso, é melhor como narrativa, para mim, do que toda uma história de uma pessoa, uma biografia — diz Pablo Larraín. — Há muito tempo venho pensando em Diana Spencer, a princesa triste. Conversei sobre o assunto com amigos na Grã-Bretanha e fiquei animado quando vi o interesse imediato. E com as conversas ficou bem claro para mim onde estava esse período curto e intenso na vida de Diana.

"Spencer" se passa durante três dias no Natal de 1991, em Sandringham, um dos castelos de férias da família real, no auge da tensão entre Diana, o príncipe Charles, a rainha e o resto da família. Dois universos estão claramente adicionados às sequências de abertura — o comboio real prepara a mansão para as festas natalinas, com quantidades exorbitantes de alimentos e bebidas de luxo, e Diana dirige seu modesto carro pelas estradas da região onde ela cresceu. Num momento que estabelece o que realmente estamos vendo, Diana/Kristen Stewart explode consigo mesma, tentando entender o mapa para Sandringham: "Em que merda eu estou?"

A viagem a Sandringham seria o momento da ruptura entre Diana e Charles e, por consequência, entre ela e a família real.

— Algumas pessoas já nascem com um poder, uma energia especial — diz Kristen Stewart, que Larraín escolheu "mentalmente, pelo coração, quando o roteiro nem tinha sido escrito", para ser Diana. — Ela claramente tinha esse poder de tocar os outros, emocionar. Tinha essa capacidade de se aproximar, desarmar as pessoas, imediatamente criar uma ligação. E, no entanto, a coisa mais triste da vida de Diana é que, na verdade, ela vivia tão isolada, tão sozinha.

O diretor vê o mesmo poder na atriz.

— Quando comecei a pensar em Spencer, eu pensei imediatamente em Kristen Stewart — diz Larraín. — Não era nem bem uma questão de fisicalidade, mas na energia que ela tem em comum com Diana. Como ela, Kristen tem esse poder de fazer as pessoas quererem chegar perto, compartilhar. Eu não tinha vontade de procurar mais ninguém para o papel: era Kristen, mesmo.

OS BENEFÍCIOS DA REALEZA PARA A ATRIZ, NA PÁGINA 2

Realidade ficcional. Timothy Spall é Major Alistar Gregory, criação do roteiro

A vida numa sinuca. O príncipe Charles é interpretado por Jack Farthing

O ponto de vista de Diana. Stella Gonet no papel da rainha Elizabeth

CONTINUAÇÃO DA CAPA

KRISTEN STEWART CONTA QUE ADOTAR A POSTURA DA NOBREZA FEZ BEM A ELA

O processo de criar a "princesa que não queria ser princesa" foi, nas palavras de Kristen Stewart, "uma parceria muito profunda". Nascida e criada em Los Angeles, Kristen aprendeu como falar em inglês britânico, com o sotaque das elites, e se portar como uma pessoa nobre.

— Foi tão bom para minha coluna! — admite Kristen, eufórica. — Fiquei com uma postura ótima, me sentia forte, capaz de me mover de um modo novo.

POR DENTRO DE LADY DI

Além do treinamento e do guarda-roupa, Kristen e Larraín dedicavam-se a um exercício para auxiliar a atriz a compreender melhor o mundo interior de Lady Di: todos os dias, no set, Pablo Larraín punha uma música para tocar e Kristen improvisava, fisicamente, uma emoção diferente dos muitos altos e baixos que Diana Spencer devia estar sentindo naquele momento.

— Era pura improvisação, era ótimo — conta Larraín. — E Kristen nunca sabia que música eu iria tocar.

— E eu morria de medo dessa improvisação — ri Kristen. — Porque eu me preparava para uma interpretação de Diana, mas tudo se tornava mais profundo, e eu de fato estava vivendo o que, eu imagino, ela estava sentindo. Eu me perdia na personagem, não estava mais simplesmente atuando.

A seleção de músicas era eclética: trechos da trilha de Jonny Greenwood, Talking Heads, Miles Davis, Sinéad O'Connor, Lou Reed, Nirvana, entre outros (uma montagem das canções faz parte do filme).

FOTOS DE DIVULGAÇÃO

De Kurt Cobain a David Byrne. Preparação da atriz incluiu uma seleção de músicas de Jonny Greenwood, Talking Heads, Miles Davis, Sinéad O'Connor, Lou Reed e Nirvana presentes no filme do diretor chileno, que evoca ainda referências históricas como Ana Bolena em seu trabalho

'EU ME SENTIA FORTE, CAPAZ DE ME MOVER DE UM MODO NOVO', DIZ ATRIZ, QUE TINHA MEDO DOS EXERCÍCIOS DE IMPROVISAÇÃO DO DIRETOR E, AO REVIVER DIANA, SE 'PERDIA NA PERSONAGEM, NÃO ESTAVA MAIS SIMPLESMENTE ATUANDO'

Como em "Jackie", a narrativa de "Spencer" usa o fim de semana — o "período curto e intenso" — para lançar outros momentos, não apenas da vida de Diana, mas de outras referências da história da Grã-Bretanha.

HISTÓRIA, REPETIÇÃO, FRICÇÃO

No "coração mesmo" da narrativa, diz Larraín, está Ana Bolena, a segunda mulher de Henrique VIII, a moça que conquistou o rei e perdeu sua cabeça porque o coração dele era volúvel demais.

— Não gosto de explicar como e por que usei a presença de Ana Bolena — diz Larraín. — Mas digo que a história sempre se repete. Algo que aconteceu 500 anos atrás tem um espelhamento sobre o agora. No coração desta narrativa está o eterno conflito entre o novo e o antigo. Esta fricção constante entre passado e presente, na Grã-Bretanha, eu acho fascinante. Creio que todos os que não são britânicos também ficam intrigados. E Diana é parte dessa narrativa também, uma personagem histórica e forte presa entre as rodas da tradição.

(Ana Maria Bahiana)

CRÍTICA DE FILME 'LARA'

O PESO DE EXPECTATIVAS EXCESSIVAS E AMARGURAS MATERNAS

Diretor: Jan-Ole Gerster.
Onde: Rede Estação.

SUSANA SCHILD
rioshow@oglobo.com.br

Como 99,99% das mães, Lara deseja o melhor para o seu filho. Com uma sutil diferença. Lara, na verdade, exige que o filho seja o "melhor". A busca deste ideal e suas consequências preenchem as 24 horas da vida de uma mulher que teria, a rigor, dois sólidos motivos para comemorar: o 60º aniversário, em plena forma — bonita, independente, vigorosa —, e o primeiro concerto de seu único filho, Viktor. Mas o dia não começa bem. Deitada, ar melancólico, a aniversariante olha uma fotografia antiga. Seu ato inaugural poderia configurar uma tragédia, mas é salva pela campainha. A partir daí, o desenrolar de pequenos/grandes gestos e reações exibem, com rara precisão, a cruel radiografia de uma mãe tóxica, que delegou para o filho a missão de realizar suas expectativas frustradas, no caso, ser uma imensa pianista.

Aspereza e elegância. Corinna Harfouch alterna força e sutileza como a protagonista do filme do alemão Jan-Ole Gerster, que remete a Michael Haneke e Ingmar Bergman

Com um elegante casaco vermelho, Lara fará um alentado percurso pela cidade de Berlim no outono, colorida por folhas em vários tons de amarelo. Informações surgem aos poucos: por sua atitude e aspereza, Lara está longe de ser querida. E não parece se importar. Diante de importante casa de concertos, o cartaz com o rosto de Viktor provoca uma atitude que não convém adiantar. A partir daí, mesmo nos encontros mais singelos — com o motorista de táxi, na antiga repartição, em visita ao conservatório, com a namorada do filho —, Lara configura uma bomba-relógio prestes a explodir. Empatia não faz parte de sua existência, seja no contato com estranhos, seja com a própria mãe. Talvez com o filho seja diferente.

A jornada de Lara recebe um tratamento sóbrio e elegante do diretor alemão Jan-Ole Gerster, em seu segundo longa-metragem, com roteiro de Blaz Kutin e virtuosa fotografia de Frank Griebe ("Corra, Lola, corra"). Pela sua crueldade afetiva, o tema aproxima-se de Michael Haneke ou Ingmar Bergman de velhos tempos, mas o diretor ousou buscar uma voz própria para retratar um quadro essencialmente nocivo. A poderosa atriz Corinna Harfouch alterna força e sutileza como um poço de amargura e ressentimento, enquanto Tom Schilling é tocante como o jovem pianista — artista poderoso, mas ainda frágil diante da opinião materna. A conversa de Lara com um antigo professor de piano oferece um momento de extrema lucidez neste percurso que coloca no centro da discussão o princípio de correr riscos artísticos. O final catártico impressiona. Premiado em diversos festivais europeus, Lara abre discussão para tema espinhoso: quando expectativas maternas viram opressão. Vale conferir.

HORÓSCOPO Cláudia Lisboa

ÁRIES (21/3 A 20/4) Elemento: Fogo. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Libra. Regente: Marte. Sobre o signo: Destemor.
Ainda que seu espírito audacioso precise de grandes experiências, é importante agora que você conduza seu caminho com prudência e maturidade. A experiência adquirida através do tempo poderá levá-lo além.

TOURO (21/4 A 20/5) Elemento: Terra. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Escorpião. Regente: Vênus. Sobre o signo: Satisfação.
Aproveite o dia para estar em contato com amigos, promovendo sua capacidade imaginativa e renovando as energias para os próximos dias. Bons encontros poderão tornar os sonhos compartilhados realidade.

GÊMEOS (21/5 A 20/6) Elemento: Ar. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Sagitário. Regente: Mercúrio. Sobre o signo: Dualidade.
É provável que você se sinta mais sensível e emotivo hoje, com emoções vindo à tona. Contemple-as como nuvens passageiras e lembre-se de fazer uso da flexibilidade. Tudo é impermanente.

CÂNCER (21/6 a 22/7) Elemento: Água. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Capricórnio. Regente: Lua. Sobre o signo: Introspecção.
Hoje você tende a estar mais crítico, avaliando o comportamento alheio. Tente expressar-se com suavidade. Respeitar a liberdade do outro é respeitar a sua própria liberdade.

LEÃO (23/7 a 22/8) Elemento: Fogo. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Aquário. Regente: Sol. Sobre o signo: Direcionamento.
Para que sua produção seja beneficiada, invista agora nas parcerias que promovem o rendimento de suas atividades. Assim você multiplica sua força e colhe frutos ainda maiores. Conte com quem você confia.

VIRGEM (23/8 A 22/9) Elemento: Terra. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Peixes. Regente: Mercúrio. Sobre o signo: Clareza.
Hoje sua atenção estará voltada para tarefas cotidianas e será um importante planejamento para dar conta da variedade de funções. Não se prenda em pequenos detalhes. Por ora, o feito é melhor que o perfeito.

LIBRA (23/9 A 22/10) Elemento: Ar. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Áries. Regente: Vênus. Sobre o signo: Ética.
Você poderá se sentir mais sensível que o comum hoje, e sua imaginação trabalhará a favor da sua produtividade. Fique atento aos seus sonhos e respeite sua necessidade de recolhimento, dentro do possível.

ESCORPIÃO (23/10 A 21/11) Elemento: Água. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Touro. Regente: Plutão. Sobre o signo: Magnetismo.
Sua mente poderá estar extra-agitada, mas convém ser prudente antes de partir para ação. Preste atenção às suas emoções que podem ser tão criativas quanto ambíguas, impedindo atitudes certeiras. Reflita.

SAGITÁRIO (22/11 A 21/12) Elemento: Fogo. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Gêmeos. Regente: Júpiter. Sobre o signo: Confiança.
Seu otimismo aumenta de acordo com seu esforço aplicado aos seus objetivos. Para alcançar grandes metas é preciso fé mas, sobretudo, empenho e persistência, qualidades que agora não lhe faltam. Siga firme.

CAPRICÓRNIO (22/12 A 20/1) Elemento: Terra. Modalidade: Impulsivo. Signo complementar: Câncer. Regente: Saturno. Sobre o signo: Compromisso.
Ainda que sua responsabilidade com o coletivo seja uma qualidade preciosa, hoje é necessário pensar em você primeiro. Só assim poderá identificar suas necessidades. Se escute.

AQUÁRIO (21/1 A 19/2) Elemento: Ar. Modalidade: Fixo. Signo complementar: Leão. Regente: Urano. Sobre o signo: Futuro.
É provável que você se sinta mais sensível e carinhoso hoje, e deseje estar perto de quem ama e compartilha a vida. Dedique-se então aos encontros que nutrem seu coração e fortalecem os vínculos. Afete-se.

PEIXES (20/2 A 20/3) Elemento: Água. Modalidade: Mutável. Signo complementar: Virgem. Regente: Netuno. Sobre o signo: Contemplação.
Ao cultivar um olhar mais prático para determinadas situações, você conduz as fantasias com sabedoria, sem deixar que elas prejudiquem seus objetivos cotidianos. Simplifique o óbvio.

oglobo.com.br/cultura

Editora: Gabriela Goulart (gab@oglobo.com.br). **Editora adjunta:** Mânya Millen (manya.millen@oglobo.com.br). **Editor assistente:** Eduardo Rodrigues (earodrigues@oglobo.com.br). **Diagramação:** Gustavo Amaral (gdamaral@edglobo.com.br) e Jacqueline Donola (jacque@oglobo.com.br). **Telefones:** Redação: 2534-5703. **Publicidade:** 2534-4310 publicidade@oglobo.com.br **Correspondência:** Rua Marquês de Pombal 25, 4º andar. CEP 20.230-240

PATRÍCIA KOGUT

Com Anna Luiza Santiago, Thayná Rodrigues, Gabriela Antunes e Gabriel Menezes
kogut@oglobo.com.br
patriciakogut.com
@ colunapatriciakogut

Para Elizabeth Savala, pela Nedda de "Quanto mais vida, melhor!". A atriz se sai bem no humor e no drama. Ótima.

Para o sumiço do irmão de Joy (Lara Tremouroux) em "Um lugar ao Sol". Agora, só a irmã dela aparece. Ué?

SÓ ALEGRIA

MARIA TOSCANO

Olha que família linda. Emílio Dantas e Fabiula Nascimento, com os gêmeos Roque e Raul na barriga, posaram especialmente para a coluna. A atriz está na reta final de gestação. Os atores, que começaram o relacionamento em 2016, aguardam ansiosos a chegada dos filhos. Viva eles!

ARQUIVO PESSOAL

Pantaneiros

Dira Paes e Almir Sater, que estão no elenco do *remake* de "Pantanal", com o compositor Paulo Simões nos bastidores de gravação. Sater e Simões são autores da música "Comitiva esperança", que fez parte da trilha sonora da primeira versão da novela

Frescor

"Mar do Sertão", novela das 18h de Mario Teixeira, vai lançar uma atriz no papel da protagonista, Candoca. Ela será escolhida via testes. Na trama, o grande amor da personagem é dado como morto, mas reaparece e a encontra casada com outro.

...E mais

O elenco será majoritariamente regional. A estreia está prevista para agosto, depois de "Além da ilusão".

Contrato

Matheus Nachtergaele renovou com a Globo por dois anos. O ator voltará a gravar "Cine Holliúdy" em março.

Ilha de edição

"Quanto mais vida, melhor!" já foi toda gravada, mas o trabalho nos bastidores continua. O diretor Allan Fiterman começou a editar o terço final da novela e prepara uma nova trilha sonora. Ele entregará todos os capítulos em março.

Série

Depois de anos na Record, Denise Del Vecchio voltará a fazer uma produção da Globo. Ela estará em "Chuva negra", de Rafael Primot, no Canal Brasil.

JOGOS

LOGODESAFIO
POR SÔNIA PERDIGÃO

Foram encontradas 58 palavras: 28 de 5 letras, 18 de 6 letras, 11 de 7 letras e 1 de 8 letras, além da palavra original. Com a sequência de letras ZA foram encontradas 8 palavras.

T	T	E	A
V			
S	Z	A	
U	D	I	R

Instruções: Este jogo tem os seguintes objetivos: **1.** Encontrar a palavra original utilizando todas as letras contidas apenas no quadro maior. **2.** Com estas mesmas letras formar o maior número possível de palavras de 5 letras ou mais. **3.** Achar outras palavras (de 4 letras ou mais) com o auxílio da sequência de letras do quadro menor. As letras só poderão ser usadas uma vez em cada palavra. Não valem verbos, plurais e nomes próprios.

Solução: Adeus, áries, deusa, dieta, ruiva, saúde, seita, seiva, séria, sertã, serva, sidra, suave, suíte, surda, sutiã, tarde, tatuí, testa, tetra, teúda, trave, treta, turva, truta, uréia, vírus, vista; deriva, destra, detrás, direta, estiva, estria, réstia, retida, sérvia, traste, través, trevas, tríade, triste, truste, véstia, súdita, useira; atitude, diversa, erudita, estrita, revista, servida, testuda, turista, vestida, vetusta, virtude; travesti; DESTRUTIVA. Com a sequência de letras ZA: azar, dureza, reza, rezada, tristeza, tzar, tzarista, vaza.

Palavras cruzadas

- (?) Scholz, chanceler da Alemanha
- Jornalista carioca, comentarista do "Em Pauta", na GloboNews
- Assim seja!
- Banda australiana de rock
- Atriz de "Homem-Aranha: Longe de Casa"
- Árvore de "O Pequeno Príncipe" (Lit.)
- Hesitação entre duas soluções
- Espaço para embarque, no porto
- A maior região natural brasileira
- Que antecedem o assunto principal
- Índice Geral de Preços (sigla)
- É presidida por Vladimir Putin
- Cúmplices em um crime
- "Agency", em CIA
- Café com leite (pl.)
- Valorização do passado de modo utópico
- Filhote de jumento com égua
- Difundido pelos meios de comunicação
- Sim, em inglês
- Fases; períodos
- Ir e (?), direito constitucional → V I R
- Grade, em inglês
- Menina, em inglês
- São Pedro, em relação a Jesus (Bíb.)
- Apelido de Caetano Veloso
- Pronome indefinido plural
- Animais da alcateia
- Sufixo de "virose"
- Material de colchas e edredons
- Afonso (?): criou lei antirracismo

BANCO 3/yes. 4/girl — olaf — rail. 8/retropia. 9/matelassê.

SOLUÇÃO

■	F	■	■	■	B	■	■	■
O	L	A	F	■	A	C	D	C
■	A	M	A	Z	O	N	I	A
■	V	E	■	E	B	■	L	I
L	I	M	I	N	A	R	E	S
■	A	■	G	D	■	U	M	■
C	O	M	P	A	R	S	A	S
■	L	E	■	Y	E	S	■	S/O
M	I	D	I	A	T	I	C	O
■	V	I	R	■	R	A	I	L
■	E	A	■	G	O	■	C	■
D	I	S	C	I	P	U	L	O
■	R	■	A	R	I	N	O	S
M	A	T	E	L	A	S	S	E

QUADRINHOS

MACANUDO Liniers

NADA COM COISA ALGUMA José Aguiar

FORA DE FOCO Eduardo Arruda

O CORPO É PORTO André Dahmer

BICHINHOS DE JARDIM Clara Gomes

URBANO, O APOSENTADO A. Silvério

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS
segundocaderno@oglobo.com.br

O PRIMEIRO GOLPE DE 2022

Não olhe para cima, olhe para a frente, eu me dizia baixinho no primeiro de janeiro. Tentava me convencer dos princípios afirmativos da existência e da necessidade de tocar o veleiro da vida, acreditar com denodo na história de que, agora sim, com o ano velho ultrapassado, o Bolsonaro com os dias contados, tudo ia ser positivamente diferente. A palavra "denodo", por exemplo, seria substituída por outras bem mais bonitas.

Foi aí que vi o homem.

Conheço quem, não satisfeito em ter passado a noite pulando sete ondas e comendo sete sementes de romã, tenta cercar o primeiro dia do ano com todos os símbolos de bom augúrio. Há uma mulher muito bonita, de cabelos longos, que nesse dia se permite prendê-los num coque e, pela única vez no ano, deixa visível a palavra "alegria" tatuada no cangote. Às 13 horas, o número de sorte dela, vai até a praia para um banho de sol no mantra de uma palavra só, aquela que desde a adolescência energiza e em segredo enfeita sua ideia de vida feliz.

O dia primeiro de janeiro é cercado de superstições por todos os lados, e foi nesse agora, ali pelo início da manhã, aos primeiros passos de 2022, que eu vi o homem sentado no degrau de uma loja fechada. Verissimo disse uma vez que o primeiro animal visto num Ano Novo quer dizer alguma coisa. Cachorro é sinal de sorte, rato, de saúde, gato, de dinheiro, e cavalo roxo dançando xaxado, um alerta em cores fortes da necessidade de você ir dormir, rápido, porque a bebedeira do réveillon foi braba.

O que quereria dizer aquele homem se — na contramão das superstições do dia, para horror do que sorria no cangote da minha amiga — ele estava com a mão no rosto, como num gesto de desespero silencioso? Mendigos clamam, chamam a atenção para sua dor. Aquele homem, além de bem vestido, apenas chorava num canto. Não queria incomodar o Ano Novo de ninguém. Qual a mensagem, Verissimo?

EU INICIARIA A JORNADA PRATICANDO A SIMPLICIDADE EMPÁTICA DE 'O QUE O SENHOR PRECISA?', NA CRENÇA CRISTÃ DE QUE NO RESTO DOS DIAS RECOLHERIA A FARTURA, O LEITE E O MEL, DECORRENTES DO PEQUENO GESTO DE HUMANIDADE

Esqueci que lágrimas ornam mal com os simbolismos da primeira manhã do resto de nossas vidas, e preferi acreditar que era uma intervenção do Destino. Eu iniciaria a jornada de 2022 praticando a simplicidade empática de "O que o senhor precisa?", na crença cristã de que no resto dos dias recolheria a fartura, o leite e o mel, decorrentes do pequeno gesto de humanidade.

O homem morava em Petrópolis. Contou a história triste de ter vindo ao Rio receber o adiantamento por uma obra, que o ocuparia por todo esse semestre. O empregador faltou ao encontro — lá estava ele, aos prantos, sem vintém para retornar à Serra. Não aceitou a primeira oferta de dinheiro. Acabrunhado, pegou a segunda, e também a de um casal que se aproximou da cena. Com cem reais no bolso, "agradecido", saiu meio que correndo pois queria comemorar ao lado da família.

Era evidentemente um golpe. Meia hora depois, num quarteirão adiante, lá estava o mesmo homem sentado na calçada, bem vestido, as mãos na cabeça, pronto para mais uma performance de desespero a quem se apiedasse de seu falso choro. Não chamei a polícia, não fiz banzé. Achei até barato o pedágio que 2022 cobrou para eu entrar e me sentir protegido em seus domínios.

UMA VIAGEM PELO PLANETA LUAN SANTANA

LUCCAS OLIVEIRA
segundocaderno@oglobo.com.br

Sinônimo de sucesso ininterrupto desde 2009, quando aos 18 anos explodiu no Brasil a bordo de seu "Meteoro" (o da paixão, claro), Luan Santana está impressionado com o que viu e, principalmente, ouviu. São quase 23h de uma segunda-feira em São Paulo, e o cantor acaba de sair de uma maratona de três horas de gravação — fora as tantas de ensaios e passagem de som — de seu novo DVD ao vivo, o grandioso e high-tech "Luan City", previsto para ser lançado no fim de janeiro.

No repertório, ele apresentou 16 músicas inéditas, três delas com participações especiais — Chitãozinho e Xororó em "Hábito", Luísa Sonza em "Coração cigano" e Henrique & Juliano em "Erro planejado". Mas Luan não tem a menor ideia de qual vai escolher para trabalhar como primeiro single.

— Difícil, cara. Eu falei para o Luquinhas *[o produtor musical e velho parceiro Lucas Santos]*: "Rapaz, vamos ver qual das músicas o povo vai cantar mais". Mas o povo cantou todas. Agora, ferrou — reclama ele, comemorando.

DIVULGAÇÃO/BRUNO FIORAVANTI

Gothan. Cena de 'Luan City', gravado em vila que virou centro cultural no centro de São Paulo: mix histórico e futurista

CANÇÕES ANTES PARA FÃS

De fato, é impressionante testemunhar 1.400 vozes berrando letras que não estão nem no Google ainda. E não uma, nem duas, mas 16 canções inéditas, algumas delas incluídas pouco mais de uma semana antes da gravação.

— A gente soltou as músicas antes, num grupo fechado só para quem ia estar aqui *[os fãs de diferentes lugares do país foram agraciados com ingressos via sorteio on-line]*, para evitar que vazassem. E todo mundo aprendeu tudo — pontua Luan, que só não está mais surpreso por já ter antecipado a fórmula. — Os refrões são fáceis, e as músicas são muito semelhantes.

São mesmo. Entremeadas por hits como "Morena", "Ilha", "Acordando o prédio" e "Eu, você, o mar e ela", as novidades de Luan versam, conta ele, sobre o amor "um pouco mais evoluído, mais maduro". E sobre o amor em suas diversas faces, com "cores diferentes" tanto nas letras quanto nos arranjos. Mas, acima de tudo, sobre o amor cantado em ritmos festivos, explorando fusões do sertanejo com a música latina, pitadas do baiano arroxa, do reggaeton em alta, com um tanto de quizomba angolana.

Os refrães, Luan Santana fez questão de ajudar a grudar na cabeça dos fãs repetindo-os entre um take de gravação e outro, mesmo quando a canção já tinha funcionado de primeira.

Discreto. "Nós somos muito caseiros", diz Luan sobre seu namoro

DIVULGAÇÃO/PEDRO ARAÚJO

E há um tanto de inteligência ao repetir construções e palavras. Por exemplo, "Hábito", a parceria com Chitãozinho e Xororó que ainda vai tocar muito por aí, vem assim: "Hoje eu já não vivo mais, só respiro por hábito/ Hoje eu já não bebo mais, só encosto os lábios/ Hoje eu já não abraço mais, só encontro os braços/ E o meu coração sem você só ocupa espaço". Em outra, Luan lista: "que a gente dançava bêbado, que a gente se beijava bêbado, que a gente se amava bêbado".

CANTOR ADMITE O LADO 'COMERCIAL' DE SUA MÚSICA E MOSTRA EM GRAVAÇÃO DE DVD AO VIVO COM ARES DE SUPERPRODUÇÃO QUE ESTRATÉGIA DIGITAL, BUSINESS E LETRAS SOBRE AMOR ESTÃO NA BASE DO POPNEJO, EM QUE ELE É O TAL

O papo com a imprensa é rápido, coletivo, quase que um breve respiro em meio ao frenesi de abraços e selfies com milhões de seguidores do outro lado da tela — Luísa Sonza, Gabi Martins e Tierry, Arthur Aguiar, fora a fila de sertanejos e influenciadores do lado de fora que só cresce. Mas mesmo nessas condições adversas dá para observar alguns pontos que fazem Luan Santana seguir triunfando projeto após projeto há 12 anos, num mercado tão ávido por novos ídolos como o da música popular e, mais especificamente, do sertanejo.

Conhecido pela simpatia, o cantor de 30 anos faz questão de cumprimentar um a um, olhando no olho, disfarçando qualquer cansaço da maratona por que passou. Horas antes do show, Luan não só passava o som com a banda como atuava praticamente como diretor musical do espetáculo, sugerindo diversas mudanças tanto musicais quanto na marcação do palco. É sabida também sua visão macro sobre o mercado, o lado business que no sertanejo é quase tão importante quanto o artístico. E isso passa rapidamente numa resposta:

— A maioria das músicas são dançantes, elas têm pulsação, falam de amor, mas são para a frente. Vai muito bem nas plataformas digitais esse tipo de álbum.

Em outra resposta, Luan nos faz lembrar que, apesar de ser um dos artistas mais populares do país, sua vida pessoal passa quase que incólume pelas colunas de fofoca. Não que não seja público que ele namora a estudante de moda Izabela Cunha, e que no ano passado terminou um relacionamento de 12 anos com a ex-noiva, Jade Magalhães. Mas barracos midiáticos, especulações e polêmicas em geral costumam passar longe da "marca" Luan Santana. Nem quando o assunto é política ("Não entendo muito", disse à época da eleição de 2018, quando não votou por estar fazendo shows).

— Nós somos muito caseiros — conta, brevemente, sobre a relação com Izabela, presente ao show, após apontar que uma das novas músicas, "Minha moleca", remete à história do casal. — Esse lance de aproveitar fazendo a nossa própria festa juntos, em casa, gostamos de ficar só nós dois.

Mas o que tem de discreto na vida pessoal Luan Santana tem de extravagante na profissional. Além das músicas, refrães, fusões de ritmos, "Luan City" salta aos olhos pela cenografia e localização. Cravada na Bela Vista, região central de São Paulo, a indecifrável Vila Itororó é daqueles lugares que parecem esconder histórias. Considerada a primeira vila urbana da cidade, construída na década de 1920, a vila hoje transformada em centro cultural foi construída a partir do reaproveitamento de material de demolições de edifícios da região, como o Teatro São José, formando um espaço arquitetônico pioneiro baseado, grosso modo, na reciclagem. Um palacete com colunas gregas é rodeado por casas e ruínas.

E foi esse espaço que Luan Santana fechou para construir sua própria cidade. Nela, o palacete em ruínas iluminado contrasta com um palco principal cercado por muito neon. O público divide a atenção com a música e performances pirotécnicas e circenses, e a estrela da noite circula quase à altura do público por uma plataforma que cruza o patrimônio cultural.

— Foi um funcionário do escritório que me apresentou o lugar. Na hora, falei que queria gravar alguma coisa ali. Achei incrível a história, tem magia nessas paredes, nessas ruínas. Quis trazer esse contraste do antigo, histórico, com o high-tech, cyberpunk — explica Luan.

SHOWS: PORTUGAL E EUA

A ideia, agora, é levar essa cidade futurística para diferentes partes do país e do mundo, como repetiu Luan diversas vezes ao longo da gravação. E, além de shows confirmados em Portugal e nos Estados Unidos, a previsão é rodar com a turnê "Luan City" pelo Brasil a partir de março.

— O projeto traz todo esse sentimento que a gente está de volta, de reencontrar os fãs, sentir essa energia de novo, de estar no palco. Para isso, eu quis construir uma cidade com vários ritmos, com muitas coisas acontecendo a todo momento, um cenário que engloba todo mundo, e de que as pessoas são parte dele, onde eu tenho contato com elas o tempo todo — resume o astro.